ERNESTO PINTO D'ALMEIDA

SOLIDÕES

Hélas! combien de souffrances profondes que le monde ne voit pas, dont nous devons seuls supporter le fardeau, et auxquelles nous ne pouvons résister que dans la solitude!

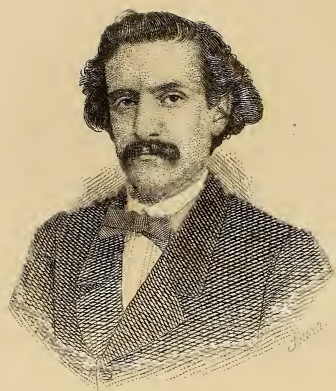
ZIMMERMANN.

PORTO

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO

RUA FERREIRA BORGES

1865

SOLIDÕES

Ernesto Pinto d'Almeida

Est. d'Acad. Real B. A. de L.ca

ERNESTO PINTO D'ALMEIDA

SOLIDÕES

Hélas! combien de souffrances profondes que le monde ne voit pas, dont nous devons seuls supporter le fardeau, et auxquelles nous ne pouvons résister que dans la solitude!

ZIMMERMANN.

PORTO
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
RUA FERREIRA BORGES
—
1865

A MINHA MÃE

A ti! luz divinal, astro fulgente,
Que a est'alma inda em flôr abriste empyreos,
        Descerraste universos;
A ti! maga visão da Samaria,
Minha Mãe, doce nome, hosanna immenso!
        Consagro a ti meus versos!

Os sorrisos são teus, tuas as lagrimas
Que tremulam no jaspe d'essas folhas
Que o amor teu redime:
Se o mundo as desdenhar, não no condemnes;
Ai! condemna teu filho, é d'elle a culpa;
Se abrir noss'alma é crime!...

Mas... virtuoso amor jámais condemna!
E esse amor és tu, ó luz d'esp'rança;
O' sacrosanto abrigo!
Se o mundo as desdenhar... sorrisos, lagrimas,
Ephemeras visões, flores de um dia...
Guarda-as no meu jazigo.

Porto—março de 1865.

E. P. A.

NAS TREVAS

Vamos andando sin saber adonde.
ESPRONCEDA.

Vai longa a noite; em seu mysterio envolta
Caminha a terra: a fragil creatura
A interrogar o espaço aos céos se volta.

E fulge o astro além. Na senda escura
Do indefinido cáhos que o rodeia,
O ente encara o sol e o sol procura.

Succede-se uma ideia a outra ideia;
Perdem-se as gerações no eterno ensaio,
Como no vasto oceano o grão de areia.

No algar perdido o vate exora um raio;
Mas se a ignota luz lhe amostra abysmos,
Trevas da infinda noite! aniquilai-o.

NO TRANSITO

(SENSAÇÕES DE UM PEREGRINO)

I

Scintilla em cada fronte a estrella do progresso;
Do humano engenho ao fogo, ao magico arremesso,
A nevoa se transforma em lucido cristal,
E o homem já divisa os plainos do immortal.
Cadmo, nada lhe impede o fero arrojo; Atlante,
O mundo é para si como pella que o infante
Gira no ar. Largando aos ventos do porvir,
Vêde-o! Gama do infindo, o ignoto a descobrir.
Se o p'rigo se lhe amostra, audaz o p'rigo encara.
Do obscurantismo a hydra ao vêl-o recuára
Tranzida de terror...
Do justo e santo ás leis,
Já não mascára o crime a purpura dos reis!

O genio já não soffre o stygma de maldito:
Torquemada, Philippe, o esbirro, o sambenito,
Sumiram-se no pó que esconde o verme vil;
Da haste que o outomno despe, emana a flor d'abril.
Se o mundo inteiro, o mar, e o firmamento agora
Retinge a côr de sangue, é n'uma rubra aurora.
Aurora que fulgiu dos cimos do Thabor,
Trazendo em sua aureola escripto—esp'rança! amor!—
Absorta a humanidade á luz que ella irradia,
Em jubiloso abraço adora o novo dia,
E no orbe a despargir da ideia os fructos sãos,
Vê-se o archanjo do bem n'este amplexo d'irmãos!

II

Caminha o mundo, avança! Á mais subtil areia
Que da eterna ampulheta escôa ao vacuo infindo,
Levanta-se um athleta, um astro vem surgindo,
Que do futuro aponta a explendida epopeia.

Não ouvis, não ouvis? o formidavel hymno
Que entôa ao perpassar esse titão veloz,
Que vôa na planicie, a cuja estranha voz
Se suspende a avalancha, abriu-se o Apennino?

Vêde-o! lá vai, lá vai: vomita na passagem
Nuvens de fumo; abala os altaneiros montes:
Galgando povoações, florestas e horisontes,
Dissereis que na róta absorve a paizagem!

III

Parando, os olhos fixos no horisonte,
Da cidade ruidosa no arrabalde,
Medita o peregrino, e de seu curso
O anhelado termo implora embalde.

E o ecco magestoso recrescente,
Valles, montes, campinas, tudo aterra;
Despertado por elle tenta erguer-se;
O cansaço venceu:—cahiu por terra!

Fraco! da estrada em meio assim falleces,
Quando tudo já vence o trilho seu!
Não lhe ouvireis, ó Deus! um dia as preces?
Ai! não lhe amostrareis na terra o céo?...

IV

Neophito da ideia, oh! eu detesto o jugo
Que ao homem não permitte o livro eterno abrir:
Eu amo o explorador da senda do existir,
Descartes, Spinosa, Humboldt, Victor Hugo;

A fronte que medita e o coração que sente;
A alma que se expande em profissões d'amor;
A harmonia que encerra um perfumado ambiente;
A lagrima, o sorriso, a vaga, o insecto, a flôr;

Os preciosos dons da inspiração sublime,
Que a febre dão ao peito, ao rosto a pallidez;
Tudo que ao ente diz: é Deus o que tu vês!
Tudo que o santifica, e tudo que o redime!...

V

Como o véo que circumda a funeraria urna
Jámais póde adornar a noiva esbelta e vã,
O raio precursor d'escuridão nocturna
Acompanhar não póde os raios da manhã...

VI

Vós sois viçoso arbusto que germina
Nos floridos vergeis de ameno val,
Eu, planta que a já murcha fronte inclina
De rio em mez calmoso no areal.

Vós sois os navegantes que ao futuro
Caminhaes, caminhaes sem descansar;
Eu, a atalaia que vos vê do muro
De baluarte que açoita iroso mar.

Vós sois fero ámanhã que esmaga o hoje,
Eu, victima fatal da transição;
Vós o som que recresce, eu, o que foge;
Vós o sol nado, eu... a escuridão.

Assim, os olhos fixos no horisonte,
Pensava o peregrino do arrabalde;
E na estrada prosegue, e de seu curso
O anhelado termo implora embalde.

Setembro—1864.

AS LAGRIMAS

(A JOAQUIM PINTO RIBEIRO JUNIOR)

Costumado a soffrer affronto as vagas,
Rudes vaivens não temo;
Perante a magestade de uma lagrima,
Que vai sulcando a fronte erma d'esp'ranças,
Paro, vacillo, tremo!

Em cada aljofar que assomando aos olhos
Na palpebra vagueia,
Dissolvendo-se apoz em chão d'espinhos,
Amplo quadro entrevejo de combates,
Traduzo uma epopeia.

Epopeia de amor, de luto ou odio,
Que diz crime, ou virtude;
Que se irradia em arreboes sublimes,
Ou se trava na pallida penumbra,
Que leva ao ataude.

Lagrimas ha que em seus vidrados globos
Deixam vêr infinitos;
Prismas que o Creador legára ás almas,
Explendidos fanaes porque se rege
Um mundo de proscriptos.

Outras queimam na face contrahida
Por acerba agonia,
Que um só raio de luz não abrilhanta,
Obscuras como a gotta que distilla
De abobada sombria.

Solta ás vezes o peito agro queixume
D'innumeros gemidos,
Que ao despedir do moribundo labio,
Nos espaços entorna catadupas
De sons indefinidos.

Ora, eoleos harpejos que se perdem
Nas regiões do Eterno;
Ora, horrisonos eccos, que restrugem,
Como uma gargalhada de Manfredo,
Nas gargantas do inferno.

Eccos de maldição, de amor ou lugubres,
Seus varios murmurios,
Parte, abafa no gelo do cadaver,
Parte, transluz dos goivos d'esta senda
Nos limpidos rocios.

A rosa que desmaia emmurchecida
Á beira do jazigo,
Tem mais valor p'ra mim, é mais fragrante,
Que a rosa que do baile adorna as salas
Da opulencia no abrigo.

Esta, apoz lá perder os seus perfumes,
Vai no lodo da rua
Ennodoar o alvor; aquella esfolha,
E depois d'esfolhada inda a saúdam
A aurora, o orvalho, a lua.

*

A lagrima—esta flôr dos jardins d'alma—
Como a pallida rosa,
É mais nobre que o magico sorriso
Quando a face da virgem soffredora
Percorre silenciosa.

Se ha ahi alguem que o afflictivo pranto,
Satanico escarneça...
Nunca um gemido o coração lhe solte!
Ninguem lhe leve á campa uma saudade
Quando ao tumulo desça!

Oh! não interrogueis se é pura a lagrima,
Que a debil fronte inunda!
Dos vendavaes que vão n'uma alma errante
É sempre o aguaceiro, é sempre o sangue
De uma ulcera profunda!

Eu vergo-me ante o pranto, eu tremo ante essa
Linguagem da agonia,
Como ante a força de poder immenso,
Como ante a voz da predicção terrivel
O povo hebreu tremia,

Eu vergo-me ante a dôr, eu que ante as galas
A curvar-me não desço.
Adeptos da indiff'rença! o mundo é vosso:
Não queiraes conhecer-me, é vossa a estrada;
Passai;—não vos conheço!

Dezembro—1864.

ATTRACÇÃO

Quando, ebrios d'amor, teus olhos languidos
Fixas nos olhos meus; quando um sorriso,
Gracioso como o beijo do innocente,
Rugar teus labios vem;
Os raios de teus olhos, confundindo-se
Com os raios dos meus, ao paraizo
Me elevam n'uma aureola explendente:
Sorrio-me tambem.

Se, junto á minha fronte a fronte pallida
Vens meiga reclinar, pendida rosa,
Com sonorosa phrase espavorindo
A timida mudez;
D'essas notas ao ecco, absorta, extatica,
A alma sinto elevar-se vaporosa!
Meu rosto junto a si teu rosto unindo,
Rouba-lhe a pallidez.

Deparára-nos Deus no mesmo transito,
Adornam nossas almas iguaes flôres,
Alumia-as n'este ermo a mesma lua,
Cobre-as o mesmo pó.
Como o terno suspiro é para a lagrima,
São os amores teus p'ra os meus amores.
Alma! cinge-te á minha, esta é já tua,
Sejamos uma só!

Junho—1864.

ONDINA

(FICÇÃO DA PRAIA)

I

A praia era deserta; o oceano, envolto
Em seu verde sendal, dormia a somno solto.
Beijando a fina areia, as ondas, uma a uma,
Se espreguiçavam n'ella em flocos d'alva espuma;
Logo, trocando a neve em liquida esmeralda,
Retomavam seu leito.
A sorrir, nua a espalda,
Ondina veio á praia; a seductora imagem
Da deusa do oceano, a emula da aragem,
Ondina, a flôr do mar, quando o mar é de rosas,
Estava alli.

Brincando as ondas rumorosas,
D'amor as saudações rendendo a graças tantas,
Uma e outra, subtis, vinham beijar-lhe as plantas:
Teimosa como esquiva, a travêssa creança,
Ora ás ondas se furta, ora ante ellas avança;
Depois leda correndo á algosa penedia,
De seu throno de rocha, olhava-as, e... sorria.

II

Era no meio a sesta. O puro ambiente
Que respirava a praia, as frescas auras
Impregnadas do mar, ternos marulhos
Das ondas no fraguedo, tudo invida
A consultar o livro do infinito.

Oh! momentos suavissimos da vida
São esses em que a alma—puro incenso
Dos altares do Eterno—desligada
De terrenas cadeias, se derrama
Pelas vagas regiões da idealidade
Em solitario, vaporoso enlevo.

E a virgem scismava.—Como é bello
Esse scismar das virgens quando as brumas,
Que os desenganos trazem, não tem vindo
Turbar-nos a existencia!—Se na terra
Alguns astros perdera o firmamento,
Foram certo occultar-se sob as palpebras
Da scismadora virgem.
Os olhos fixos
Na orla do horisonte, ella contempla,
Nos cambiantes do quadro que a rodeia,
Algum céo ignorado, algum sorriso
De mystica sybilla: o vulto estende
No rochedo deserto.—Em breve o archanjo,
Que as flôres desabrocha da innocencia,
As papoilas lhe esfolha...
Ondina dorme.

III

Dorme, repoisa, anjo innocente,
Sob os vergeis de um puro amor!
Seja tua égide a explendente
Aza do archanjo do Senhor!

*

Auras da tarde, acalentai-a!
Anjos do empyreo, protegei-a!
Vós, que ao oceano daes a praia,
Vós, que entornaes na praia a areia!

Oh! dorme, dorme, adormecida
Aos magos canticos do mar!
O somno é o nectar n'esta vida;
Absintho é d'ella o despertar!

IV

Lá mesmo, quando as palpebras
Nos cerra o somno brando,
Trazendo-nos delicias
D'ignotos mundos, quando
De aureas ficções empyreo
Se torna a solidão;

Lá mesmo, n'essa placida,
Suavissima paragem...
Oh! quanta vez, recondita
Do bosque na folhagem,
Se esconde eivada vibora,
Que leva á perdição!

Ai! se quem n'estes páramos,
Chorando ora, ora rindo,
Vaga, sondasse o amago
D'esse mysterio infindo,
Que occulta a fimbria gelida
Do funebre lençol!...

Qual é o termo incognito
Da senda tenebrosa?
Senhor! quem são teus aulicos?
Anjos! Como se gosa?
Velando, ou sob o tumulo!?
Cego, ou fitando o sol!?

V

De celeste innocencia em plena aurora,
A virgem não chorava
Nem ria.
E brando a suspirar o oceano a adora;
Ella não no escutava...
Dormia.

VI

E o astro já mergulha no horisonte
A magestosa coma, despargindo-a
Pelas ondas em tremulas madeixas;
Já as soidões immensas que o rodeiam
De rubis e topazios se revestem
Rutilos, explendentes como a lava,
Que vomita a cratera. Pouco a pouco
O astro empallidece; umbrosa nevoa
Se levanta do sul, manto sinistro
Do phantasma da noite. Em breve cobre
A longa superficie do oceano.
E o mar, leão faminto enfurecido,
Ullulando, se eleva do seu leito:
E cresce, e cresce; e na voraz carreira
Se apodera da praia espadanando
Pelo rude alcantil férvidas vagas.

VII

Subito, incauta, turbulenta vaga
A virgem despertou.
Ergue-se, encara em roda, ante seus olhos
Só trevas encontrou.

Quem a cerca? onde está? a si pergunta
No auge da afflicção:
É nas fauces do mar, cercam-na abysmos;
Tenta fugir em vão!

Logo apoz esta, outra espumosa vaga
As rochas submergiu.
Ouviu-se agudo grito... outro mais surdo...
E nada mais se ouviu!...

VIII

As portas do oriente transpondo entre prismas,
Mostrára-se aurora de explendida luz:
As turbidas brumas trocaram-se em rosas,
Jorraram no oceano saphiras a flux.

E as tenues neblinas de rosa e cambraia
No dorso das aguas se viram grupar,
Coroava-as um vulto de fino alabastro,
O vulto gracioso da virgem do mar.

E logo, concerto d'etherea harmonia
Que as rochas ouviram—o espaço fendeu;
Depois, entre aromas, e cantos, e flôres,
A virgem das ondas sumiu-se no céo.

Julho—1864.

AO GENIO

Ó genio! eterno symbolo da gloria,
Centelha que Jehová forjou do cáhos
Para á luz que derrama, olhar os mundos
E as gerações submissas!

Que canto é esse que no espaço vaga,
Por homericas lyras entoado,
Marselheza dos ciclos para ouvir-se
Eternidades fóra?

Desde os nevoentos cimos do Hymalaia
Té ás margens do Eurothas; desde o Tibre
Ao solo occidental que inda relembra
As lusitanas glorias;

D'onde o astro se eleva, aonde expira;
Vencedor do universo em tempo e espaço,
Pairas, aguia portento, equilibrado
Dos mundos no infinito.

Eu te sinto, eu te admiro em tudo o grande;
Da porta triumphal na cariátide,
Nas rendadas agulhas que se elevam
Das cathedraes florídas.

No tenebroso canto do Alighieri,
Ou na estrophe precípite de Byron,
Desgrenhada Herodias entre abysmos
A affrontar as tormentas!

Repousava o rochedo esteril, rude,
Solitario da serra, ou junto ás praias.
E tu viste-o, cercaste-o de auriflamma:
A rocha fez-se estatua!

As campinas vestiam-se de flôres,
E as flôres de opalas, o céo de ambar.
Sopra o vento do sul, as flôres murcham,
Cobre-se o céo de luto.

E tu viste a campina florescente,
E transportando-a á tela em vivas côres,
Baniste a cerração; a vista gosa
Primaveras contínuas!

Œdipo, ao teu poder, confunde o sphynge,
Prometheu rouba o lume ao firmamento:
Œdipo e Prometheu, regem a esphera
Os Newtons e Laplaces!

Embora ao viajor não fosse dado
Seguir os vôos da aguia, elle te adora
Como se adora a luz. Ó genio! ó genio!
Acceita-lhe a homenagem.

Outubro—1863.

A MONTANHA

Depois que da tormenta a massa negra enorme
Na terra cahe desfeita em rabidas torrentes,
Que já não verga o roble e que o tufão já dorme,
Sè torna o prado alegre, os rios transparentes;

Depois que o sol de Deus as sombras dispersando,
Passeia fulgurante em amplo céo azul;
Que as neblinas do mar, como ligeiro bando
De aves, se vão sumir nas regiões do sul;

Que os valles, a planicie, os montes, o arvoredo,
Da aurora festival envoltos no aureo manto,
Ouvem dos rouxinoes o magico segredo,
Celestes vibrações, mysterioso canto;

Então minh'alma vôa á melodia estranha,
Que a attrahe, que a convida a santas oblações:
Ascendo, ascendo, e vou perder-me na montanha,
Altar que a terra eleva ao Deus das solidões.

Ascendo, e minha fronte inunda-a ignea flamma;
Ascendo, e meu olhar perdido pelo espaço
Vagueia desvairado ao fogo que o inflamma:
Encosto-me ao rochedo, extenuado... lasso!

Que immenso quadro! é tudo calma. O bosque annoso
Já sacudiu da grenha os limpidos cristaes;
E tudo refloresce, aspira tudo o gôso
Que paira nos jardins dos contos orientaes.

A laranjeira em flôr aos ventos manda aromas;
Suspende-se o rubim na cerejeira altiva;
Noiva esbelta, a magnolia adorna as densas comas
De flôres de alabastro, e folhas côr de oliva.

E d'onde aonde surge um gracioso outeiro,
Ilha que Deus legou das florestas ao mar;
Lá em baixo, na planicie, o deserto mosteiro,
E a branca chaminé da granja a fumegar.

Cercando o panorama um cinto de altos montes,
Exercito immortal de athletas de granito;
E ao longe, muito ao longe, um plaino de horisontes,
De cambiantes e luz descampado infinito.

E eu, que a sossobrar nas vagas d'este mundo
Contínuo vou, baixel em tormentoso mar,
Contemplo o azul do céo, depois o val profundo,
A immensidade, o nada... e fico a meditar!

E fico a meditar nas santas harmonias
Que a natureza extrahe de sua eterna lyra;
Na esphera que nos manda as noites e os dias,
Na nuvem que perpassa, e na aura que suspira.

E fico a meditar: já sonho, não medito...
Subito acordo, e sinto intenso ardor febril:
Amo, deliro, exulto! e d'alma o eterno grito,
Emanação dos céos sóbe ao ether subtil.

A montanha! a montanha!—eu amo as cumiadas
Onde a aguia possue o seu berço de escarpas;
Seduz-me a viração que espalha nas quebradas,
Olor de rosmaninho, e sons de eolias harpas!

Nas povoações adeja um halito de crimes,
Veneno que fulmina a alma, a vida, o sêr.
Oh! deixai-me vagar nas montanhas sublimes;
Sinto-me envenenado e quero inda viver!

Que importa á sociedade a ovelha desgarrada?
A penna que vagueia? a estrella que se apaga?
Sempre á noite succede a lucida alvorada,
Á vaga que se quebra, uma vaga... outra vaga.

Possa eu gosar alli uma choça, um abrigo,
Um puro sol, de inverno a fogueira no lar.
Minha mãe por Mentor, por guia um peito amigo,
Por templo a immensidade, a Biblia por altar.

Possa eu alli viver, aonde o justo se esconde
Aos miseros reptis de uma sordicia avara;
Aonde tudo é grande, e nobre, e puro, aonde
Se ostentava um poema ao *louco* de Ferrara.

E quando a luz fugir de meus extremos dias,
Forneça-me a montanha o amplo mausoléo.
No theatro immortal de tantas harmonias,
A morte é uma aurora, o sepulchro é um céo!

FRÉMITO

Pois que! tu córas?! já viste
Mudar o marmore as côres!?
Já viste córar o gelo!?
Já viste?... mulher, não córes!

O rubor que n'este instante
Te assoma da face á flôr,
Similha aquelle que tinge
Os vestidos ao traidor.

Não córa o corpo sem alma,
Não córa a vil peccadora,
A messalina, que os labios
Entrega ao lodo, não córa.

Não córes, tu que me vias
Absorto nos olhos teus—
Vergonha!—de dia e noite,
Como ante as aras de um Deus!

E tu dizias—sou tua—
E tu dizias que amavas.
Amavas oiro, e as turbas
Vêr do teu orgulho escravas.

Depois... depois atiraste-me
Um sorriso de desdem.
Bem hajas! foste vingada;
Estou vingado tambem.

Tu sonhavas bailes, pompas,
Eu, que era do mundo enfermo,
Fugia aos aureos palacios,
Eu dava-te o albergue, um ermo.

Dava-te o doce remanso
Que nos manda a solidão,
Apenas interrompido
Pela voz de um coração.

De um coração que illudido
Da ventura que antevia,
Se desdobrára a teu lado
Em torrentes de harmonia.

Dava-te os ternos cantares
Do alegre rouxinol,
Sob um docel de verdùra,
Que estilla os raios do sol.

E a fina prata do arroio
Que pelos prados serpeia,
Banhando a macia relva,
Sobre a jaspeada areia.

Gorgeios, sons, murmurios,
Suspiros que vão no val
Como anhelitos de fadas,
Musica santa, immortal.

E dava-te a flôr que nasce,
E dava-te a flôr que expira,
E essas trovas que se escutam
Do bosque na immensa lyra.

*

E a minha alma, em santo enlevo,
A teus pés ia depôr.
Eu dava-te a minha vida,
Eu dava-te o meu amor.

Illusão!—Jámais se busca
Do sentimento o caminho,
Quando se está costumado
A pisar em chão de arminho.

E o arminho côr de gelo
Em gelo se converteu.
Fulgiam lumes do inferno
Nos teus olhos côr de céo.

E eu procurava estrellas
De teus olhos nos fulgores!?
Que o mundo o não saiba—ávante!...
Prosegue, mulher—não córes!

O VULCÃO

Freme-lhe o dorso adusto abrindo fendas:
As entranhas lhe róe asp'ro cilicio
De raios e trovões:
Das calcareas cavernas solta enxofre,
Vomita pela fauce ardente lava,
E cinza aos turbilhões.

O sabio aproximou-se.—Entre bramidos
Se erguera da cratera negro vulto
De athletico par'cer:
Torvado olhar e carrancudo gesto
—Que pretendes de mim?—ao sabio disse,
—Que vens aqui fazer?

Filho da terra sou, em seus arcanos
O mundo ignaro que á sciencia aspira
Quizera iniciar:
Tu, que n'ella és senhor, n'elles m'instrue.
—Espera—torna o vulto; de repente
Sobem trovões ao ar.

E o phantasma sumiu-se. Negra nuvem,
E logo apoz vermelha ignea torrente
A montanha invadiu:
E corre e se amontoa, inunda os plainos.
O mundo só viu cinza e ruina: o sabio...
Ninguem soube o que viu!...

MADRUGADA

Perdeu as sombras turbidas
Da noite o escuro véo;
Tingem-se os altos pincaros,
Chovem coraes do céo.

Na frança a baloiçar-se,
Travêsso rouxinol,
Sauda do astro immenso
O fulgido arrebol.

E deslisando múrmuro
Nos prados o ribeiro,
Allia um terno cantico
Aos sons do pegureiro.

O malmequer e o lyrio,
Que adorna ameno abril,
Espalham pelos campos
Oiro, esmeralda, anil.

Cicia brando o zephiro
Da acacia na ramagem;
De amoroso anhelito
Encantadora imagem.

Esmaltado thuribulo
D'incenso é cada flôr;
Tudo na terra é jubilo,
Respira tudo amor!

Maio—1862.

VICTOR HUGO

(A MARCELLINO DE MATTOS)

O seculo era infante que aos seculos vindouros
Será propicia estrella, fanal de esp'rança e luz,
Aos filhos do progresso legando immorredouros
Padrões da ingente gloria que já de si transluz.

De impróvida anarchia no vasto cemiterio,
Vulto gigante surge que ergue e sepulta reis;
Aguia que o vôo alçando sobre as aguias do imperio,
Da terra doma esforços, da natureza as leis.

E á sombra d'esse vulto, maior outro surgia;
Seu cerebro fermenta na lava d'um vulcão;
Derivam-lhe dos labios torrentes de poesia,
As flôres a esparzirem que amor e crenças dão!

6

Victor Hugo é o seu nome; quem esse nome ignora!?
Hossana glorioso que lá do empyreo vem,
Entoado por anjos d'alma na harpa sonora,
Para repercutir-se dos seculos além!?

Victor Hugo—estro ousado, dos evos inaudito!
Mais amplo que o oceano, rival de Galileu!
Poeta do passado, propheta do infinito,
Que em sonorosos carmes traduz na terra o céo!

Ora, pedindo ás ruinas do templo derrocado
Segredos insondaveis, perdidas tradições,
Dos tumulos erguidas com o viver passado,
Á sua voz potente revivem gerações!

Ora, cingida a fronte d'essa c'rôa de flôres,
Colhidas de entre palmas e perlas orientaes,
A explendidos palacios de encantos e de amores,
A mente nos transportam seus versos divinaes!

Ora, entrevendo esp'ranças, sonhos, visões, delirios,
No fumo das batalhas, aos toques do clarim;
Ora, colhendo amenas, bellas rosas e lyrios,
Das puras flôres d'alma no magico jardim!

Alli onde se finam—despojos da desgraça—
Da fome negra os martyr's ao crime dando a mão,
Eil-o que o mundo exora, do céo implora graça,
Clamando enternecido: Meu Deus! teus filhos são!

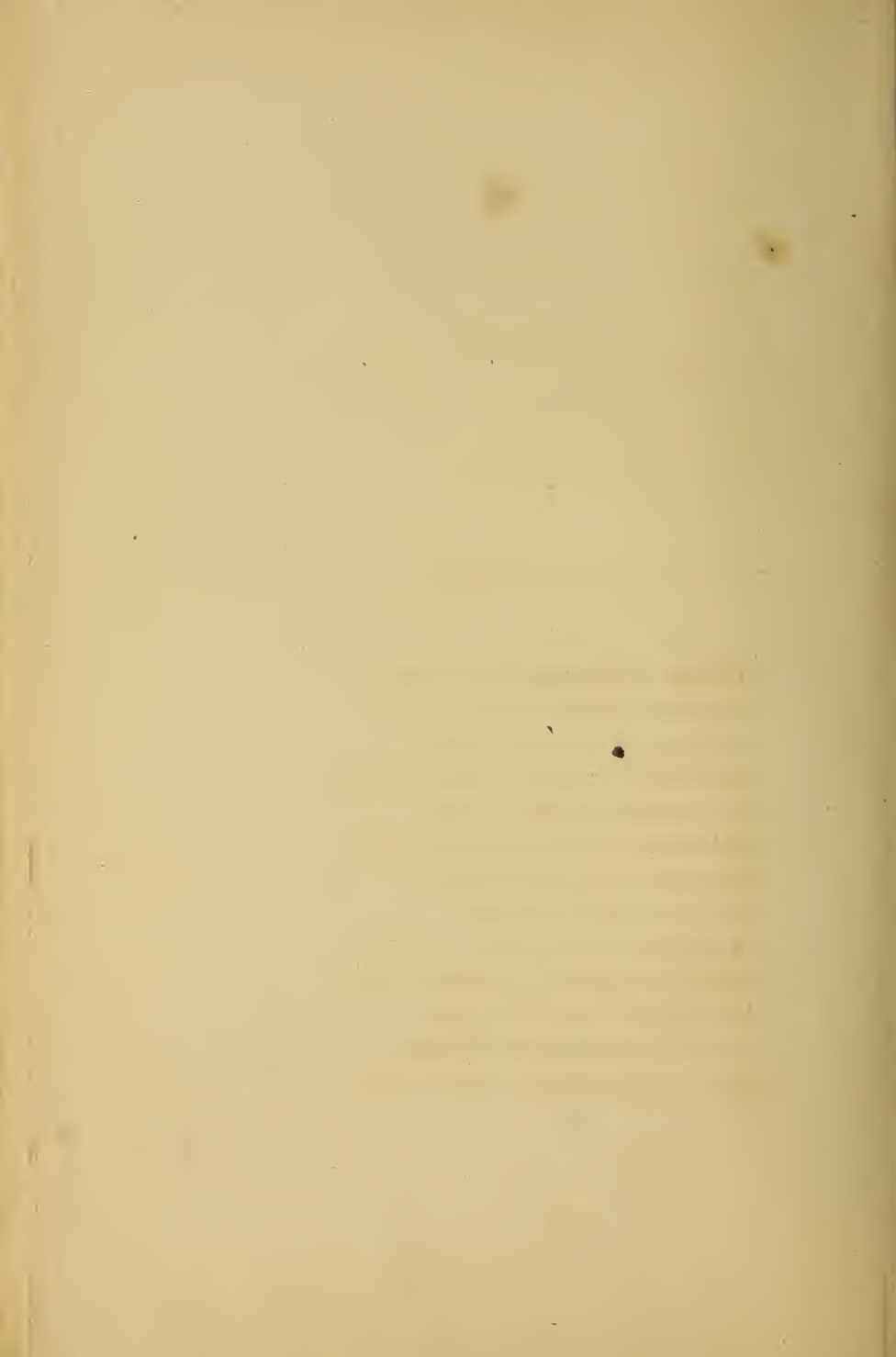
E como o florentino mysterioso vate,
Quando—condão divino da santa inspiração!—
Exaltando virtudes o crime horrendo abate,
Inferno, céos e terra do seu dominio são!

Quem podéra, ó poeta, teus louros reunindo,
D'ignotos raciocinios o mysterio encontrar!
E atravessando abysmos, soidões de espaço infindo,
Á sombra do teu genio tua gloria cantar!...

Basta. Detem-te arrojo da minha pobre lyra!
E tu, mestre sublime, das harmonias rei,
Desculpa os vãos anhelos da mente que delira...
Perdão! se ora em maus versos teu genio profanei!

Maio—1863.

---

*

DILUVIO

(A ANTONIO CORRÊA)

O mundo era um prostibulo de crimes.
Perdendo a primitiva etherea essencia,
A humana raça proseguia errante,
De um mar de corrupção entregue ás vagas.
Paes, mulheres e filhos, á porfia,
Do tigre e do chacal herdando a sanha,
Enlodados no sangue da injustiça,
Os élos da união dilaceravam.
Os templos do Senhor eram povoados...
Pelo pó do abandono; e o mundo inteiro,
De Gomorra e Ninive prostitutas
Ao idolo execrando erguendo altares,
Envergonhava os céos, o dia, os astros!

Era o horrido holocausto, que o universo
Rendia das paixões á deusa ignobil!

. . . .

Deus contemplára o mundo dos prodigios...
E viu... que viu!?... esse glorioso Eden
De flôres, de perfumes e harmonias,
Complexo encantador, mansão ditosa
De paz e amor que, ao *fiat* potente
Da suprema intenção, surgiu do nada,
Do reino de Satan tomando agora
O asqueroso aspecto, abrir seu seio
Ao monstro da torpeza e iniquidade!...
E viu... que viu!?... a predilecta esposa
Que o divino poder legára ao homem—
Quando á voz de seu genio immensuravel,
Mysterioso e sublime como a ideia,
O homem se formou rei do universo—
A perla da creação, sem luz, sem brilho,
Arrancando o rubor ás faces, livida,
Bacchante das orgias do universo,
Ao desejo febril prostituir-se!...
E viu—estranho imperio do cynismo!—
Essas mimosas, perfumadas flores
Que o paraizo do homem completavam
Nos magicos jardins da biblia santa,
Em arido terreno abandonadas...

Ao halito pestifero do vicio,
Uma por uma, alfim, murcharem todas!...

. . . .

Era o riso d'escarneo que o universo
Como premio levava á Omnipotencia!

. . . .

E Deus vêr mais não poude.—De repente
Immensa nuvem, pavorosa, negra,
Da côr da maldição, roubou á terra
O contacto dos céos... Ao contemplarem-na
Mancebos e anciãos, já vacillantes
Entre esp'ranças e dôr, medo e remorsos,
Em seu intimo assombro presagiam
Da existencia os dias derradeiros.

E a nuvem recrescendo, recrescendo,
Como fero escarcéo ganhando as praias,
Se apossa do infinito. Em breve o mundo
Perdendo as solidões da immensidade,
Em carcere de horrores se debate
Sob sinistra abobada de bronze!—
Era uma confusão que humano idioma
Não póde descrever!—Copiosa chuva

Fende incessante os ares; o oceano
Erguendo-se indomavel em seu leito,
Como o tremendo espectro do castigo,
Sobre a terra se lança irado e torvo.
Da altaneira serra ao val profundo,
Horrisonas torrentes se despenham,
Que em remoinhar contínuo, submergindo
Do fundo abysmo os mais profundos antros,
Inundam plainos, promontorios vencem,
Té aos mais altos pincaros da terra!...
A creação inteira, ao submergir-se,
Solta um gemido longo, indefinido,
Ecco immenso composto de mil eccos,
Da moribunda terra ultimo arranco.
Como que horrorisadas, as estrellas
Perderam seu fulgor; e o rei dos astros,
Em seu grandioso curso vacillando,
Sobre a desolação projecta apenas
Amortecidos, pallidos reflexos!...

. . . .

Era à sublime cólera do Eterno,
Que as manchas apagava da sua obra!

. . . .

E Deus rasgando o véo da immensidade
Olhou de novo a terra.—A iniqua raça
Jazia sepultada entre os abysmos.

Subito, branca, mysteriosa pomba
Atravessou o espaço, mensageira
Da bonança e da paz.—Como era bello
O quadro do universo! O astro immenso,
Reassumindo os vivos explendores,
Fulgia sobre as aguas como fulge
Em polida couraça de guerreiro:
Era um infindo, reluzente lago
De liquido de cristal, de anil e de oiro,
Em cuja superficie apenas vaga
O lenho do ancião predestinado,
Que as raizes contém d'ignotos mundos...

Mas já a massa enorme das tormentas
Se ia lentamente aniquilando;
E o cimo do Ararat surgindo altivo,
Cercado de neblinas, transparentes,
Como mantos subtis d'ethereas virgens,
Em seu seio acolhera, envolto em jubilos,
De nova prole as virginaes primicias.

. . . .

Era o poder sem fim do Omnipotente,
Que os mundos a extinguir creava mundos!

Abril—1863.

AURORA E OCCASO

La faute en est a nous; à toi riche! à ton or!

V. HUGO.

Pobre esfolhada flôr!—Perdida... inda tão jovem!...
Anjos do céo, valei-lhe! á graça não vos movem
Os trances d'essa dôr?!
E consentis que vague um anjo sobre a terra
Como vil condemnado em rudes climas erra?!
—Pobre esfolhada flôr!...

E consentis, dizei, que o cristal d'esses olhos
Abertos para amor, n'esta senda de abrolhos
Empane a cerração?!
Que envolva o mago vulto um crepe funerario?!
Que a desditosa arraste o funebre sudario
De perpetuas n'um chão?!...

*

Ai! se ao entrar na vida, em meu primeiro dia,
Prazeres, illusões, esp'rança, amor, poesia,
Fugirem-me hei de vêr;
Se o meu olhar esfolha as flôres da virtude,
Abre-te dura terra! esconde-me ataude!
Fatiga-me o viver!...

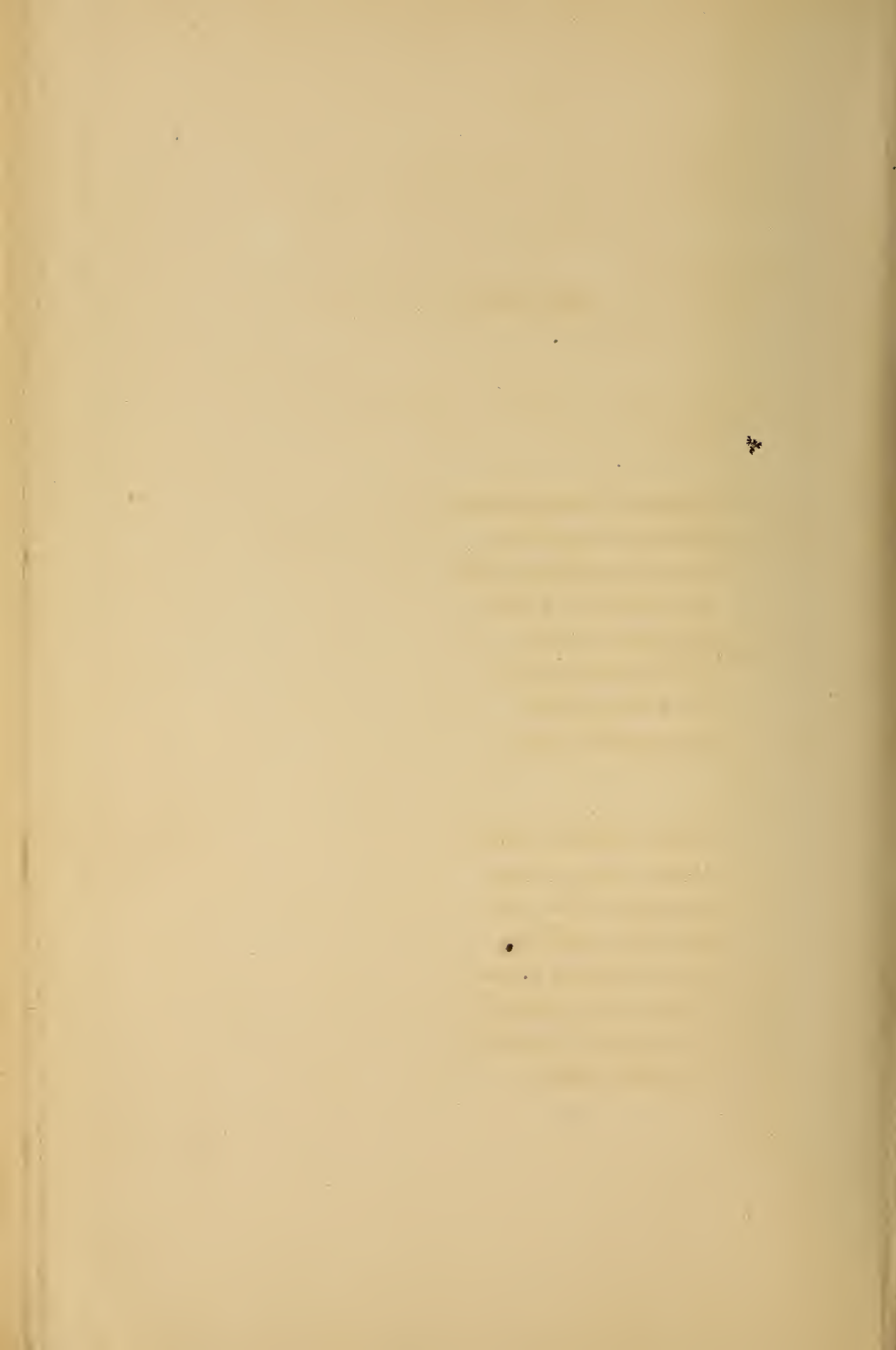
Pobre esfolhada flôr! Destinada á voragem,
De ignobil vencedor calcou-te na passagem
O carro triumphal.
Aonde o teu sorriso, e graças, e fragrancia?
Que é da c'rôa gentil que te adornou a infancia?...
Levou-a o vendaval!...

Oh! maldito o que estende o obulo á desgraça
A preço da ignominia, e triumphante passa
Calcando a multidão!
Não cresça uma violeta onde o seu throno plante;
Nunca o bafeje amor: turbal-o a cada instante
Venha uma maldição!

Levanta-te, mulher! para o tumulo é cedo.
Abraça a cruz da vida, e balbuciando um credo,
Une ao martyrio a fé!
Acolhe-te nos céos, se o mundo te condemna;
Cahiste peccadora, ergue-te Magdalena:
Vive, contempla, crê!

—É tarde para a vida—a febre me devora...
—Pois que! não vês além saudar-te auspicia aurora?
Oh! vive, encara a luz!
Sempre no azul dos céos o eterno cirio arde.
—Não no pude fixar... a vida é sombra... é tarde...
Esmaga-me esta cruz!

E pallida, sem brilho, afflicta, no abandono,
A triste só implora o derradeiro somno,
Da lucta no estertor.
Haverá ahi soffrer que este soffrer simelhe?...
Mas lá se lhe abre a campa... anjos do céo, valei-lhe!...
—Pobre esfolhada flôr!...

Agosto—1864.

SONHAVA...

Sonhava. O somno brando
Trocava-se em delirio.
O mez que inflora o lyrio
Já proximo era ao fim.
Na placida corrente
Trazendo amenidades
O rio das saudades
Corria junto a mim.

Sobre suspensas, tenues
Ondas, pairava a lua;
Lá surge a fronte sua
Dos ares n'amplidão.
Ora, occultando o rosto
Entre estofos prateados;
Ora, tingindo os prados
De pallido clarão.

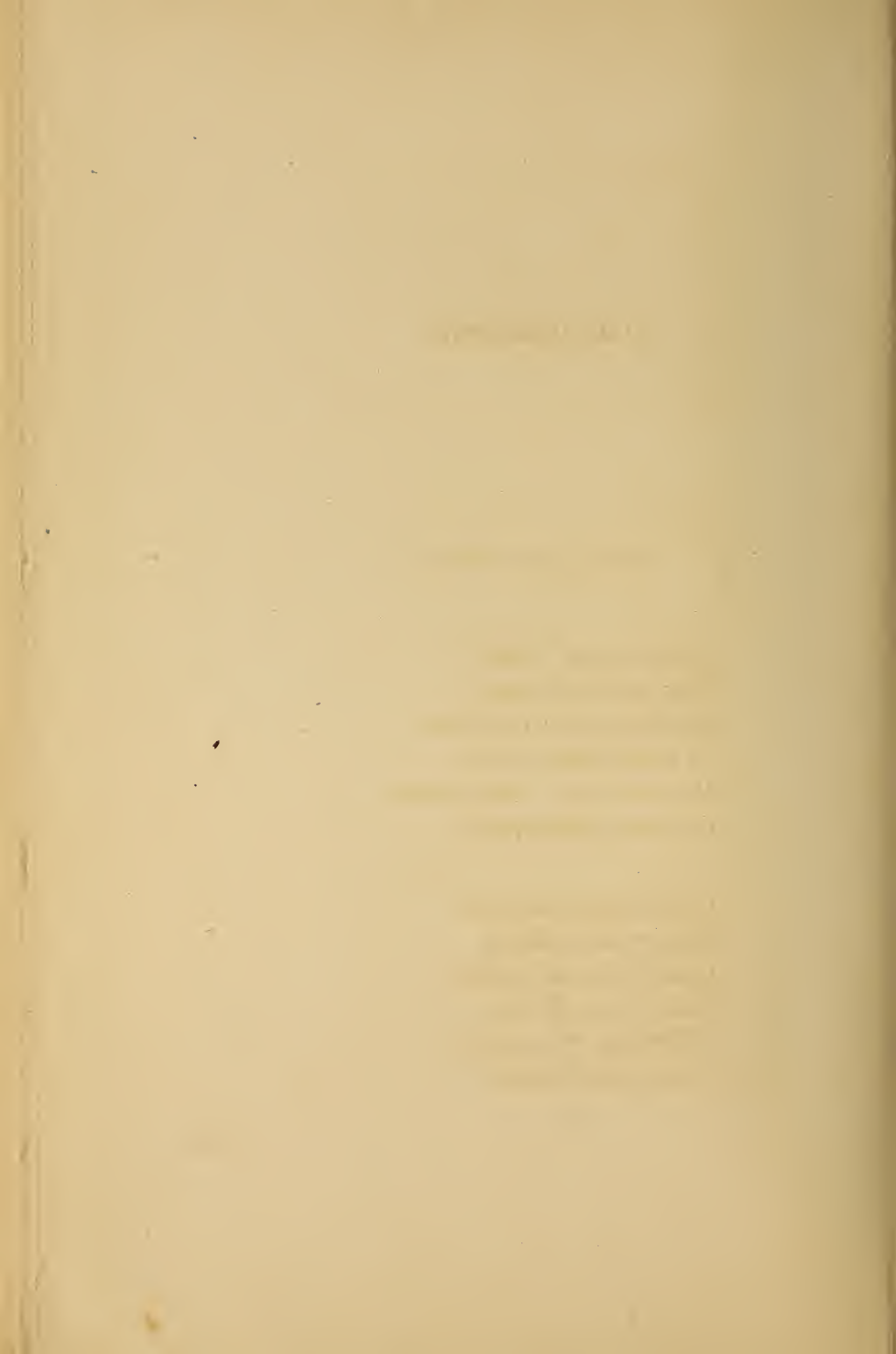
Reina serena calma
Nas margens do Mondego;
Só quebra este socego
A brisa no ramal.
Subito, levantar-se
Da limpha rumorosa
Vi nuvem vaporosa,
E um corpo divinal.

De grega, pura estatua
Era o complexo vivo.
Seu rosto pensativo
Que a innocencia beijou,
E os olhos bellos, negros,
Não posso eu descrevel-os;
Ebrio d'amor ao vêl-os,
Meu sêr logo ficou.

Era um anjo! seus labios,
Em magicos sorrisos,
Brotavam paraizos
De esp'rança, luz e amor:
Cada sentida phrase
Que da alma desprendia,
Era alta melodia
Das harpas do Senhor.

—Vate! dissera a virgem
Com meiga voz sonora:
Quem te conduz a est'hora
Das sombras na mudez?
—O ardor que me incendeia
D'est'alma enamorada.
Mas dize, etherea fada,
Dize, visão: quem és?

—A estrella sou propicia
Que vem dourar-te a vida.
Revive, flôr pendida!
Vês o infinito além?
—Anjo! eu lhe disse, attende:
Corre a quebrar meus laços;
Acolhe de meus braços
O terno amplexo... vem!...

Oh! que amoroso effluvio!
És minha?!—És meu?... sou tua!
N'este momento a lua
Rompera o plumbeo véo.
Phrases que então soltamos
D'amor puro repletas...
Interrogai, poetas,
A noite, a lua, o céo!...

FLOR D'INVERNO

(A MIGUEL ANGELO PEREIRA)

A vida foge-me. Ó filha
Canta-me a doce canção,
Que diz—o sol já não brilha
Na minha chossa, já não
Me alegra o val...—filha, canta,
Canta-me a doce canção!

O triste canto que ouvias
Junto do berço infantil,
Quando a tua mãe sorrias,
Botão de rosa de abril,
A Laura que te embalava
Junto do berço infantil,

*

Pobre Laura! era uma estrella!
Ai! não sei como vivi,
Quando da terra ao perdel-a
Meus olhos tambem perdi!
Hoje... cego... aspiro á campa!
Ai! não sei como vivi!

Debalde tento encarar-te,
Ó fructo d'immenso amor!
Não posso, ai! não, admirar-te
A meiga face ainda em flôr.
Deixa ao menos que eu te abrace
Ó fructo d'immenso amor!

Já não contemplo o horisonte,
Cahira um véo sobre mim;
Ás vezes levanto a fronte,
Cercam-me trevas sem fim.
Não vos vejo ó céos, ó flôres!
Cahira um véo sobre mim.

A vida foge-me. Ó filha
Canta-me a doce canção,
Que diz—o sol já não brilha
Na minha chossa, já não
Me alegra o val...—filha, canta,
Canta-me a doce canção!

Canta... oh! que maga harmonia!...
Escuto de Laura a voz!...
Que saudade! que poesia
D'um tempo que foi veloz!...
Mas, attende... em córos d'anjos
Escuto de Laura a voz!...

Filha, vem cá!... dá-me um beijo...
O beijo do extremo adeus!
Ai! na terra não te vejo,
Cedo hei de vêr-te nos céos...
Chamam-me os céos. Filha acceita
O beijo do extremo adeus!...

Janeiro—1865.

ABROLHOS

(A ANTONIO JOSÉ NOGUEIRA)

Attende, amigo, a voz d'est'alma; escuta
Do peito em ancia o palpitar febril:
Expressão tenue da tremenda lucta
Que a flôr me esfolha do primeiro abril:

Contínuo embate de visões phantasticas,
Que á luz erguidas na infantil manhã,
Ora nos lançam nos parceis da duvida,
Ora nas trevas d'uma esp'rança vã:

Anceio infindo d'um porvir ignoto,
Qual o exp'rimenta o que abraçado á fé
Vôa á miragem do areal remoto,
Chega, procura, o que sonhou não vê!...

Lucta que trava co'a materia o espirito
Quando succumbe a um martyrio atroz,
Como o que soffre no feral patibulo
Victima f'rida do cutello algoz:

Lucta que as plantas innundando em sangue,
Dando o descrer á juvenil razão,
A alma aniquila, o envoltorio exangue
Roja a pedaços no enlodado chão!

Livre, liberrimo, o insensivel átomo
Voga perdido na amplidão do ar:
Átomo livre diz-se o ente, e curva-se
Á dura gleba para... a dôr comprar!

Não sei se á vida que se fina em pranto
Negreja o olvido, ou se prepara um céo!...
Ao que a define no indeciso canto
Deixai passar... é infeliz... sou eu...

E assim se funde um existir em lagrimas;
Assim se somem illusões, prazer;
E ante o prescito se desdobra um seculo,
Que diz—espera!—que não diz—viver!...

E corre o tempo sem cessar... mentira!
Clama o que ao mundo conduziram ais:
Quem ante o espectro do soffrer delirá,
Fugir o tempo não sentiu jámais!

Nunca um momento saboreou a victima
De puros gôsos o licor fallaz,
Sem que no fim do traiçoeiro calice
Não visse as fezes d'um soffrer voraz!

Que nos não ouça fementida raça,
Que deslembrando acre pungir da dôr,
Sorri do martyr ante o equleo, e passa...
Uma só fibra lhe não fere o amor!...

Raça feroz! de canibaes! espuria!
Que ao vêr no oiro aspirações e luz,
Joga do Christo a ensanguentada tunica,
Vende nas praças o sudario... a cruz!...

Fóra do templo os vendilhões malditos!
Geração vil que repelliu Lusbel!
Que applaude a orgia da miseria aos gritos!
Que ao sequioso dá absintho e fel!

Mas de que serve dardejar a cólera
Sobre esse vulgo que da dôr sorri?
Ávante! adeptos da materia, cynicos!
Qu'reis uma victima?... encontrail-a aqui!

Ávante! ávante! campeões do mundo!
Qu'reis sangue?... o sangue tem fulgor real:
Cravai-lhe os peitos, oh! cravai, bem fundo;
Quero admirar-vos no prazer brutal!

Calai-vos eccos d'uma ideia lugubre!
Ai! quantos anjos a este mundo vem,
Que se perderam sem fruir nos labios
O beijo puro da extremosa mãe?...

É arduo, é triste, atravessar, amigo,
Esta vereda de alcantis fatal;
Longe, á planicie, oh! vem gosar comigo
Ameno clima onde não reina o mal!

Longe, entre o brando volitar d'um zephiro
P'renne de incenso, d'harmonia, amor;
Longe, onde o sopro de existencia turbida
Não vai o pollen dispersar á flôr.

Taxem de *fossil* muito embora a mente
Que no perfeito do mortal não crê,
Que o verme vil da corrupção desmente,
Desde que na arca se abrigou Noé.

Velho, bem velho é na alvura eburnea,
Que ostenta o gelo, o scintillar do sol;
E o homem pára ante o seu brilho explendido,
Se a terra envolve glacial lençol.

Velho, bem velho é o sibilar do vento,
É o abrir das flôres, é o bramir do mar;
E a alma oppressa readquire alento
Ao quadro immenso que a ensina a amar!

Longe de mim o rude int'resse esqualido,
Que attrahe as turbas de contínuo assim:
Attraia embora da fortuna os aulicos,
Nunca os seus braços me enlearão a mim!

Oh! vem, amigo, vem fruir delicias
Que o mundo ignora, miserando, vil,
Entre harmonias e immortaes caricias,
Sob um céo puro de coral e anil!

*

Sonho fallaz do meu porvir—dissipa-te!
Vem!... vamos penas olvidar alli...
Mas que! vacillas?... ai! tambem és victima
Da mesma signa que me prende aqui!?

Louco!—pensava que o rociar da esp'rança
Reanimava a emmurchecida flôr:
Jámais do gôso o paraizo alcança
Quem sua vida baptisou na dôr!

Fine-se embora ao seu martyrio o misero,
Como no exilio, abandonado, o réo!
Longe, bem longe! aspirações veneficas!
Feche-se o abysmo se não se abre o céo!

Maio—1864.

ECCOS DA NOITE

(LYRA ASCETICA)

Great are thy works, Jehovah! infinite
Thy power! what thought can measure thee, or tongue
Relate thee?

MILTON.

I

A terra envia aos astros
O seu nocturno canto,
Reveste-se a planicie
De argenteo, claro manto.

Da lua ao mago alvor
Esmaltam-se as alfombras;
Phantasmas, negras sombras,
Perdem, fugindo, a côr.

Ouvi:—dobra a cigarra
Seus timidos trinados,
Allia-se-lhe o grillo,
O trovador dos prados.

Inveja do cristal
Percorre o claro rio
Em brando murmurio,
Banhando o cannaveal.

Lá do feudal castello,
Athleta das campinas,
O passaro do agoiro
Já não acorda as ruinas.

Dos bardos do Senhor
Aos harmoniosos plectros
Calou-se dos espectros
O lugubre clamor.

A acacia, a madresilva,
Em jubiloso abraço,
Derramam seus perfumes,
Dispersam-os no espaço.

No orgão da immensidão
Entôa a natureza
Sua nocturna resa
Ao Rei da creação.

II

A lua!—Quem não sonha o bello eterno, quando
Ao contemplar dos céos a infinda solidão,
Vê da noite o pharol, que aos mundos projectando
Niagaras de prata, os banha em seu clarão?!

Misero o que ao fitar o espelho do infinito
Não ganha do immortal explendido laurel!
Triste! que não distingue o jaspe do granito,
A rosa da cicuta, o coração do fel!

Eil-a, prosegue a lua; e a escutar as lyras
Parece que reclina o rosto encantador:
Cortejo luminoso a segue de saphiras,
A todas ora offusca o seu mago explendor.

Recorda ao contemplal-a o riso do innocente,
A estatua da candura, a modestia do sol,
Donzella que se mira em lago transparente
De idade juvenil no formoso arrebol.

Ó lua! ó divindade eterna da poesia!
Brilhante colossal do diadema dos céos!
Consente que eu prefira ás sombras do meu dia,
Os lumes da tua noite, a luz dos raios teus!

III

Anjo da noite! ó pura imagem
De brando e placido viver!
Deixa que eu beba a doce aragem
N'esta planicie a percorrer!
Que ao fulgor vivo das estrellas,
Que ao seductor clarão da lua
Eu possa vêr a sombra tua
Quando d'est'alma a luz morrer!

Deixa que eu vague onde murmura
O manso arroio a suspirar;
Que alli, qual solta a onda pura,
Suspiros d'alma eu mande ao ar;
Sob um docel de umbrosa olaia
Venha da brisa almo bafejo
Dar-me de amor celeste beijo
E minha fronte engrinaldar!

Aqui eu viva alegremente
Gosando os quadros da illusão;
Nutra-se o fogo que na mente
Accende a lava do vulcão.
Sim; n'este immenso Eden de gôso,
De olor subtil e de harmonia,
Anjo da noite e da poesia,
Oh! dá-me a santa inspiração!

IV

Minha alma é como a voz indecifravel
De incognita sibylla;
É verme que se arrasta sob a loisa
E raio que aniquila;

Aguia altiva que tenta equilibrar-se
Onde o infindo impera,
E que, apoz lá pairar, sente abrazadas
Suas azas de cera;

Hymno heroico arrancado ás aureas cordas
Da cythara de Homero,
E gemido a ulular pelas escarpas,
Prometheu, e Ashavero.

Minha alma é como a voz indecifravel
De incognita sibylla;
É verme que se arrasta sob a loisa,
E raio que aniquila.

V

Dos rudes espinhaes da vã philosophia
Desprende-te, ó minh'alma! escuta essa harmonia
Que importa na aza a viração.
Inspira, estrella d'alva, a mente que delira;
Tu, arbitro dos reis, afina a pobre lyra,
Verte-lhe a santa inspiração!

Dá-lhe a divina estrophe—espelho do poeta—
Que o Oreb outr'ora ouviu dos labios do propheta
No seu grandioso templo azul:
A que vertia orvalho a Job na Lybia ardente,
E em sonorosos sons brotava docemente
Das harpas que escutou Saul!

Não essa inspiração que diz:—vaidade humana:
Aquella que traduz universal hosanna
Todo de crença, esp'rança e amor:
A confusão do sabio, o enlevo do ignorante,
Que solta o coração como a prece que o infante
No fim do dia ergue ao Senhor!

Hosanna!—ante o infinito a humanidade entôa;
Hosanna!—aos pés do Eterno o sacro canto vôa,
Que a terra inteira eleva aos céos:
Hosanna! Hosanna!—abrange o espaço, o mar e os mundos;
Do mais erguido cume aos antros mais profundos,
Eccôa—Hosanna! Gloria a Deus!

Gloria a Deus, que o facho immenso
Atirando á eternidade,
Dando á noite o manto denso,
Dando ao dia a claridade,
Milhões de orbes luminosos
Semeára pelos céos!

*

Gloria!—entôa o mundo inteiro
Contemplando o amor divino;
Val, floresta, rio, outeiro
Murmuram—gloria! em seu hymno.
Gloria!—o vate balbucia:
Salvè noite! gloria a Deus!

Abril—1864.

MUSA ATTICA

(A GUILHERME BRAGA)

Omnia vincit amor nos quoque cedamus amori.
VIRGILIO.

Alcino era o abraço, Inais era o beijo,
Os dois uma só alma, ambos um só desejo.
Se sorrindo elle a olhava, ebrio de sympathia,
Ella, doida de amor, olhava-o e sorria.

Animava-os agora um perfumado ambiente;
Philomella acordára, e a lympha transparente
Murmurava no prado amor.
—Inais bella,
Disse-lhe o loiro Alcino, a divinal estrella
De Paphos nos sorri. Vem! chamam-nos as tilias,
Phebo não tardará; desmaiam-te as vigilias...

Oh, vem! vem repoisar n'este relvado occulto,
E, entregue aos braços meus, render o sacro culto...
—A Phebo?
—Não, a amor.
—Temo...
—Que temes?
—Nada...
É tão cedo... se alguem...
—Socega; a madrugada
Foi feita para amor.
—E meu pae?
—A est'hora
Já cuida d'Hymeneu na festa.
A virgem córa,
E segue-o. Espesso bosque ambos franqueiam.
Logo,
Do turbulento deus se ateia o sacro fogo.
Com Phebo que as romãs já manda ao novo dia,
Venus perfuma o val de nardo e de ambrosia.
E, os moços transportando em gôso santo e ledo,
Hymen coroára amor, amor vencera o medo.

Agosto—1864.

DESENGANO

Tout vient et passe; on est en deuil, on est en fête
On arrive, on recule, on lutte avec effort...—
Puis, le vaste et profond silence de la mort!

V. HUGO.

Quando em meus labios vês leve sorriso vago
Como a ruga subtil que em bonançoso lago
Imprime a viração;
Presumes que esse gesto exprime um paraizo?
Oh! não—do desengano ás vezes o sorriso
Parece o da illusão.

Quando vês germinar, por entre murta ou hera,
A flôr que os raios bebe ao sol da primavera,
Perfumes dando ao ar;
Pensas ser toda vida? ai! Deus! como te illudes!
Tambem vive o coveiro em torno aos ataúdes,
Mas vive a sepultar.

Em seu virente arbusto a tenra flôr da malva
Morre aos primeiros sóes, qual morre a estrella d'alva
Do dia ao vêr a luz;
A pallida perpetua—essa melancholia
Da natureza em dôr—se vive inda algum dia,
É sempre junto á cruz.

Assim, o meigo infante alvo, córado e loiro,
De doirado cabello—eu amo tanto o oiro
Quando opprobrio não diz!—
Crescendo vê fugir-lhe a encantadora coma,
E a face juvenil terrena côr já toma,
Perde a da flôr de liz.

Assim, a eterno occaso avança o mundo inteiro;
Assim, o ente mais novo é sempre o derradeiro
Que o seu tumulo abriu:
Os mesmos sons que espalha a trombeta da gloria
São para o infindo espaço ephemera memoria
Do astro que fulgiu!

A gloria! bello sonho, atroz realidade!
Que á ideia promettendo a vã posteridade
Em seu influxo audaz,
Lhe aponta a apotheose além da fria campa,
Onde com o pó do orgulho o humilde verme estampa
Ridiculo—AQUI JAZ!—

«Pois que!—dirão do infindo acerrimos sectarios—
Não fulge o sol radiante além dos tempos varios
No puro azul do céo?
Não brilha como o sol de Homero o pensamento?
Morrerá por ventura o eterno monumento
Que erguera Galiléu?»

Quantos heroes da ideia os mundos tem descripto
—Mumias da concepção mais velhas que o sanscrito—
Para a gloria attingir,
Que o pelago sumiu de idades ignorantes!...
Quem sereis vós, Camões, Tassos, Virgilios, Dantes,
Nos seculos por vir?

Eu sei que da alma humana a immorredoura essencia
Certo não se nivela á turbida existencia
Do tigre ou do chacal;
Mas quem póde assumir o fulgor do grande astro?
Do Senis remontar aos cimos de alabastro?
Vêr a gloria immortal?...

Ás vezes, attrahido aos sons da antiga lyra,
Sinto-me transportado ás ruinas de Palmira;
Ergo-me ao Parthenon:
Olho; que vejo? ó Deus! de um ao outro hemispherio
De *gloriosas* ficções o vasto cemiterio,
Que rege a podridão!

E eu triste, pensativo, os olhos no horisonte,
Canna que o vento verga, ao peito inclino a fronte
N'um cogitar sem fim:
Depois, do desengano escuto a voz gelada,
Que ao mostrar-me no chão a estatua derrubada,
Me diz:—a gloria é assim!...

Quando em meus labios vês leve sorriso vago
Como as rugas subtis que em bonançoso lago
Imprime a viração;
Presumes que esse gesto exprima um paraizo?
Oh! não—do desengano ás vezes o sorriso
Parece o da illusão.

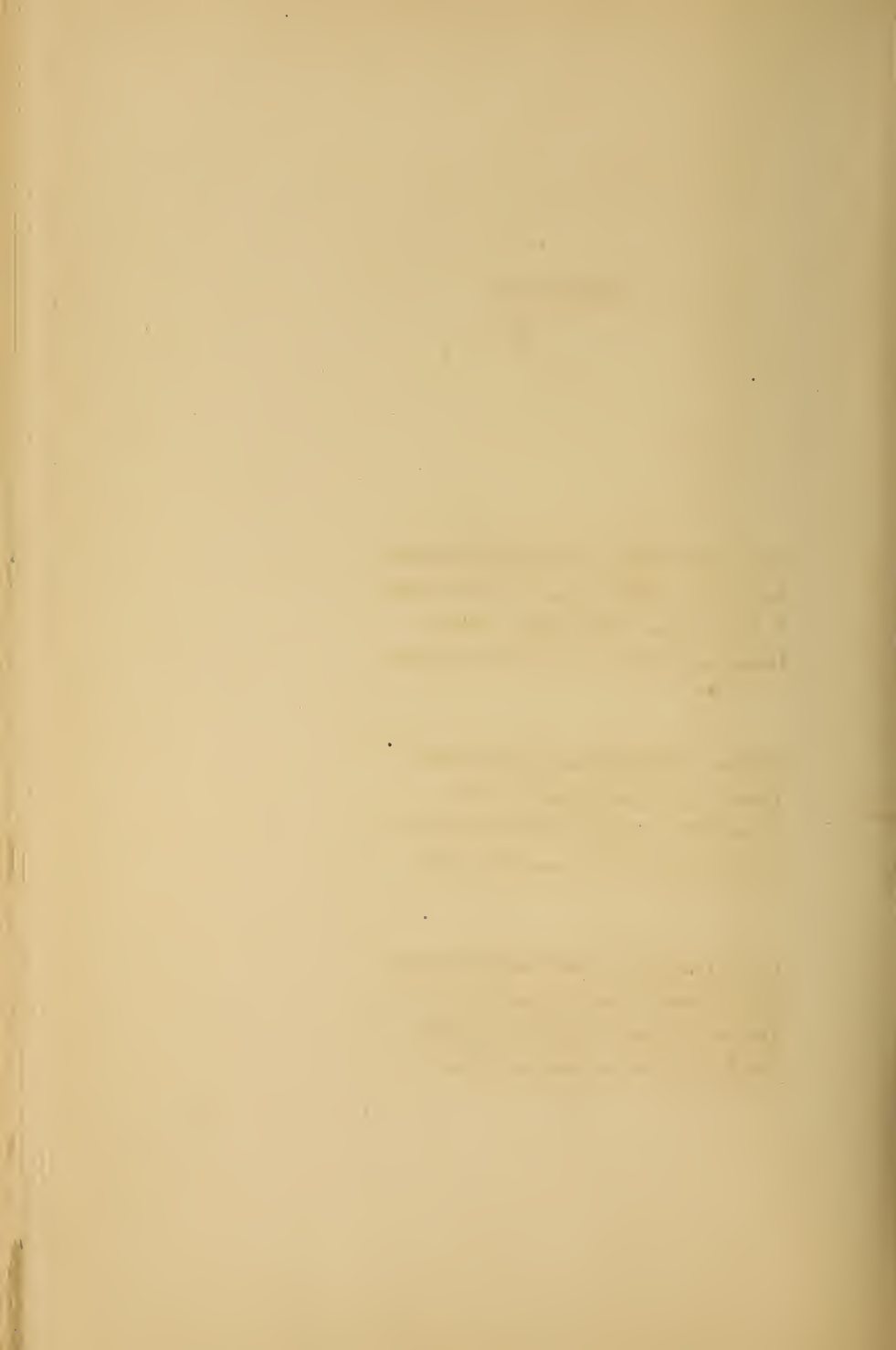
Outubro—1863.

POR TI!

Do precipicio á beira, transviado,
Perde-se o cego incauto,
Se corre
P'ra alli;

O cego eu sou do amor que me devora;
Tu és o precipicio:
Eu perco-me...
Por ti!

---

*

MURMURIO

I

Que meiga noite!—Nas frondosas comas
Da acacia esconde o rouxinol seus cantos;
A aura suspira rescendendo aromas,
Desfaz-se o arroio em cristallinos prantos.

D'entre a folhagem do copado olmedo
Tenue cigarra seu trinado ergueu;
Da orchestra magica o murmurio ledo
Acorda os astros no assombrado céo.

Lá vem surgindo a lua cheia: as veigas
Agora esmalta com argenteo raio;
Do abril que foge despedidas meigas,
Saudação terna ao inflorado maio.

Amor—em carmes diz o arroio ao prado:
Amor—fulgindo diz a estrella á flôr:
Amor—ao bosque diz o vento alado:
Ao longe os eccos vão cantando—amor!

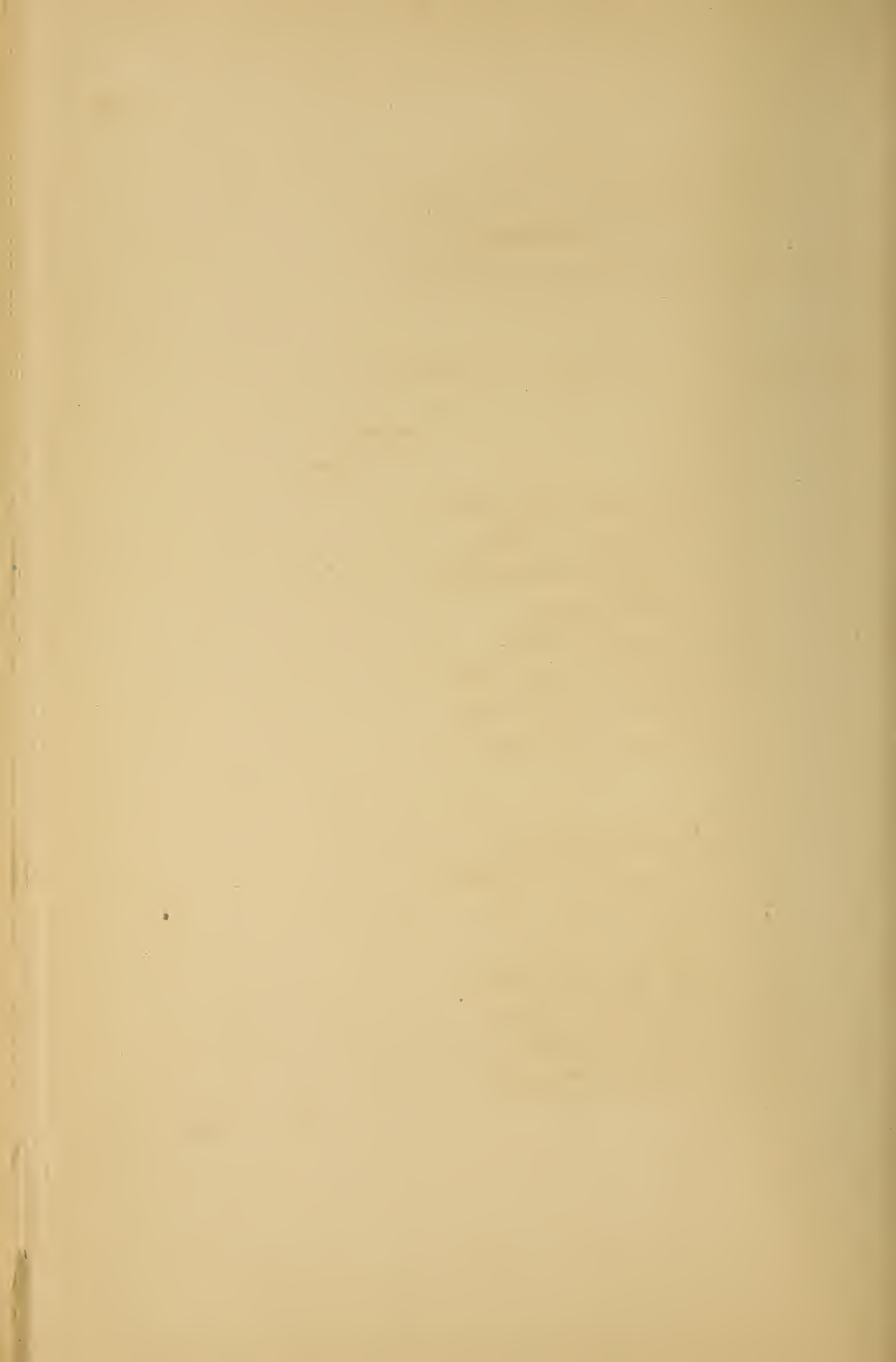
II

Ouve, donzella, as sonorosas lyras,
Os ternos cantos que nos vem dos céos:
Deixa do mundo apprehensões, mentiras,
Dissipe um beijo esses receios teus.

Que tens?... não tremas; vai serena a lua,
Prateando o rio que murmura amores:
Ornam-se os prados ante a imagem tua,
Mandam aos ares mais incenso as flôres.

Attende, ó virgem: tua fronte inclina
Junto ao meu peito que te adora... assim!
Quero gosar-te a pallidez divina,
Quero cingir teu mago vulto a mim!

Ai! como o tempo se deslisa breve
Sobre este leito encantador de alfombras!...
Junto ao seu seio que deslumbra a neve...
Ó bosque! ó lua! ó virações! ó sombras!

Abril—1865.

FAREWELL

(NO ALBUM DE J. M. NOGUEIRA LIMA)

Farewell!

BYRON.

Anjo de amor, não chores!
A morte que me espera
Conduz-me a clara esphera
De placido gosar.
A escuma do oceano
Que á praia arroja a vaga,
Quando seu brilho apaga,
Em agua volve ao mar.

Este incessante fogo
Que a minha fronte alenta,
Que n'esta morte lenta
Aspirações me deu,
Raio que o firmamento
Á minh'alma enviára,
A terra desampara,
Volve de novo ao céo.

Materia, corre aos vermes!...
Sepulchro, abre-me o seio!...
Da lucta o espectro feio
Consuma a podridão!...
Quando da enxada o fio
Despedaçar meu craneo,
Dissolva-se instantaneo
Qual foge uma illusão!...

Tu, anjo... se algum dia
Do destino o delirio
Mudar em roixo lyrio
Teu candido jasmim...
Bebe as ardentes lagrimas...
Abraça a desventura...
E no auge da amargura...
Ai! lembra-te de mim!...

Resigna-te, anjo, espera.
Olha; vês essas flôres
Que em seu abril d'amores
A alma desabrochou?...
Regaram-nas as lagrimas
Do desditoso amigo:
Desfolha-as no jazigo
De quem t'as dedicou!

Adeus!—Se de tormentas
Fôr teu viver prolixo,
Procura um crucifixo...
O pesar morre alli.
Corre ao meu cemiterio...
Occulta-te na loisa.
Est'alma onde repoisa...
Suspira lá por ti!...

Mas que! Choras? louquinha!...
Não sabes que esta vida
É longa despedida,
Infinda transição?...
Eu sou feliz, não tremo:
Das trevas na agonia,
De esplandecente dia
Anima-me o clarão!

Resigna-te... ai! consente
Que o moribundo amante
Sobre teus labios plante
Os frios labios seus!
Não posso mais... Lá surge
O sol da eternidade!
Que immensa claridade!...
Morro a teu lado... adeus!...

*

ROSAS PALLIDAS

Ahi dispietata morte! ahi crudel vita!
L'una m'ha posto in doglia,
E mie speranze acerbamente ha spente:
L'altra mi ten quaggiu contra mia voglia;
. . . .

PETRARCA.

I

Quando o poder eterno ergueu do cataclismo,
Que era ao principio a terra, o mar, o firmamento,
Deixára a creatura errante no elemento,
Na immensidade a estrella, a perola no abysmo.

Aonde te occultaste, auspiciosa estrella?
Aonde te sumiste, ó perola de amor?...
Foste acaso levar teu brilho ethereo, ó bella,
Ás entranhas do abysmo, ao seio do Senhor?!

Dize onde te escondeste, ó encantadora imagem
Do archanjo do existir, que eu vi, quando te via?
Dize: quero transpôr oceanos de poesia!...
Ondulante cabello, esplendida roupagem,

Quero-te vêr assim!... Atravessando o espaço,
Teu vulto contemplar entre os anjos dos céos!...
Os páramos transpôr... de te buscar já lasso,
Arrastar-me a teus pés n'um derradeiro adeus!...

II

Amava-a como a petala sequiosa
Ama os diamantes liquidos,
Que vai benigna mão, por tarde estiva,
No seu seio espargir!

Amava-a qual na sombra a ave saudosa
Ama esses raios lucidos
Com que a aurora lhe vem, leda e festiva,
Um cantico pedir!

Amava-a como afflicto em mar de horrores
Ama o perdido naufrago
Providente pharol que o porto ensina,
Onde expira o soffrer!

Amava-a qual subtil beijando as flôres
Ama a abelha solícita
O nectario virente, onde germina
Sua vida e prazer!

III

E eu era a folha sedenta
Que teus orvalhos bebeu...
Partiste: sem seiva a folha...
Desmaia... murcha...
Morreu!

Eu era essa ave do bosque
Saudosa de um raio teu...
Deixaste-a: n'esse momento...
Perdera o canto...
Morreu!

Eu era o naufrago afflicto
Que lucta com o escarcéo...
Abandonaste-o: nas trevas...
Em vão se esforça...
Morreu!

E eu era a abelha que o nectar
De tuas folhas sorveu...
Fugiste: perdera o vôo...
Não fez o alveolo...
Morreu!

IV

No valle tudo é só; ninguem no lago se olha:
No bosque silencioso apenas ruge a folha
Que a aza do outomno sacudiu!
Fugiu!—murmura a rôla em funebre gemido—
Fugiu!—da solidão responde o ecco sentido—
E ao longe... o vento diz:—fugiu!...

. . . .

Senhor! porque roubaste ao pobre moribundo
A derradeira esp'rança—o anjo que no mundo
O subtrahira aos escarcéos?
Porque, trocando em lyrio as flôres da saudade,
Entre elle e esse amor pozeste a immensidade,
Pozeste a abobada dos céos?...

Outubro—1863.

MISERAVEL

(A ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

Ma chair, faite de cendre, a chaque instant succombe;
Mon ame ne sera blanche que dans la tombe;
Car l'homme, quoi qu'il fasse, est aveugle ou méchant.

V. HUGO.

Tudo jaz mudo e só. Cahiu do campanario
A hora sepulchral, que um funebre sudario
Ao pobre ha de trazer. Impera a escuridão,
Triste qual fôra triste o mundo inda embryão.
Mais sinistro que a noite e o cáhos da materia,
É esse que ora envolve o filho da miseria.
O martyr da razão, que repellindo a luz
Que um astro de illusões lhe derramára a flux,
Vaga novo Ashavero; e de abysmo em abysmo,
Prefere á luz a sombra, á sombra o cataclismo.

*

Qu'reis vêr onde se estorce o phantasma da dôr?
Vinde comigo; entrai: mas não vos cause horror
A ascorosa morada, a vós que a fausta sorte
Faz olvidar o abrigo onde se occulta a morte,
O agro soffrimento; a vós que só sabeis
Pisar em salões de oiro ou nos paços dos reis.
Entrai:
É um sombrio e miserando albergue
Onde só reina a fome, onde o sol jámais se ergue;
Terror da mesma noite, opprobrio da manhã,
Recanto glacial do reino de Satan.
Vêde-o no pobre catre, inseparavel socio
Da dôr e do prazer, do cansaço e do ocio.
Em vão chamára o somno á palpebra sagaz;
Jámais dorme o soffrer, dormindo tudo jaz.
N'um volitar sem fim de clarões instantaneos
Vira um ossario immenso, e como um som de craneos
Ouviu que horrorisava: orchestra rude, atroz,
Que escuta o desgraçado ao caminhar veloz
Na lóbrega vereda.
Exasperado, afflicto,
—Martyr d'esse soffrer que do homem faz maldito—
Ergueu-se. Desvairado, encara em de redor:
Tudo o que o cerca alli tinge sanguinea côr—
A côr que denuncía o contrario elemento
Das sublimes visões, dos quadros do tormento;
A côr que divinisa os raios da manhã,
Que se ostenta em rubis nos bagos da romã,

E a que leva o carrasco ás festas do supplicio;
Que idealisa o pudor, que tinge o crime e o vicio;
De tudo o que do céo revela o que Deus faz:
De tudo o que do inferno envia Satanaz—
E o reprobo da sorte, em prêsa do delirio,
Da fome succumbindo á febre e ao martyrio,
Em vão procura um céo n'essa duplice côr...
Ai! seu mortal clarão só diz:—abysmo... horror!...

Subito côr de neve um grupo lhe appar'cera.
Era um par infantil mimoso como a cera,
Fructo d'amor extremo e d'infausta viuvez,
Nas pregas do lençol fundindo a pallidez,
Como em turbada noite a magestosa lua
Prateia um céo de luto, e placida fluctua
Em niveos escarcéos.
N'esse instante o infeliz
Sentira estranho impulso: a sua alma lhe diz
Uma recordação sublime e santa.
Em quanto
Dos dois anjos contempla o somno, em fio o pranto
Lhe innunda a debil fronte...

Ai! bom astro do céo!
Porque lhe não rasgaste um tão medonho véo?
Essas vidas roubando ao estertor da fome,

Que cria a iniquidade e a innocencia consome?
Porque, trocando em norte o vivido calor,
Deixaste da ventura emmurcher a flôr?
E arremessando o pobre aos gelos do destino
—Mais misero que Job, mais fraco que Ugolino—
Viste, sem esse quadro ao menos te turbar,
Um filho da desgraça ao crime a caminhar?!

De indecisões no abysmo o naufrago vacilla;
Não diz se é luz que alenta ou raio que aniquila
O jugo ameaçador d'esse implacavel—crê!
Que á humanidade off'rece emporios que não vê.
Mas ante o horrivel drama onde lucta a miseria
Estranho ardor o impelle aos vermes da materia:
Duvída do candor da neve e do jasmim,
E tudo que o rodeia então lhe brada:—fim!
Duvída, santo Deus! das flôres da virtude;
Ignora se ella é o bem, não sabe se ella o illude;
Se impondo eterno dique á timida razão,
Ao insufflar-lhe a crença, a arrasta á perdição.
Com a alma aniquilada o ente que medita,
Em mar de decepções, igual ao sybarita,
Abandonando a fé, descrendo o proprio amor,
Procura na embriaguez levar o olvido á dôr;
Fazer papel de rei n'esse theatro impuro;
Erguer eterno applauso aos filhos de Epicuro;
E, contemplando a vida em plena saturnal,

Com p'rennes libações brindar o Deus do mal:
Pois sempre n'este abysmo a que chamamos mundo,
Turbando a clara fonte, existe o charco immundo!

Quando, como baixel que singra em plano mar,
O estigma da desgraça a fronte vem sulcar,
A vida é horrivel pêso—a ruga que elle estampa
Só da fronte a elimina o gelo, a sombra, a campa!
O reprobo encarando a vida como o algoz,
Não viu mais desde então que o seu martyrio atroz,
E o scintillar de um ferro, espelhado, attrahente,
Como vivido olhar de faminta serpente:
Sorri-lhe com a avidez que leva á perdição
A morte, que fizera a gloria de Catão.
Tristes contradicções!...
Rapido como o vento
Correu a elle... ouviu-se então no pavimento
Como o cahir de um corpo... um grito o precedeu...
Era o grito da morte!...
O leito estremeceu,
Dissereis que ao presagio.
Hirtos, em desalinho,
Como avezinha implume expulsa de seu ninho,
Eil-os junto do pae os martyr's infantis!
Em vão chamam á vida o que viver não quiz!
Exhortações de amor, ais, lagrimas, gemidos,
Nada vencera a morte... ai! não foram ouvidos!...

Só como voz que surge além dos mausoleus
Se ouviu do moribundo um surdo e vago—adeus!...

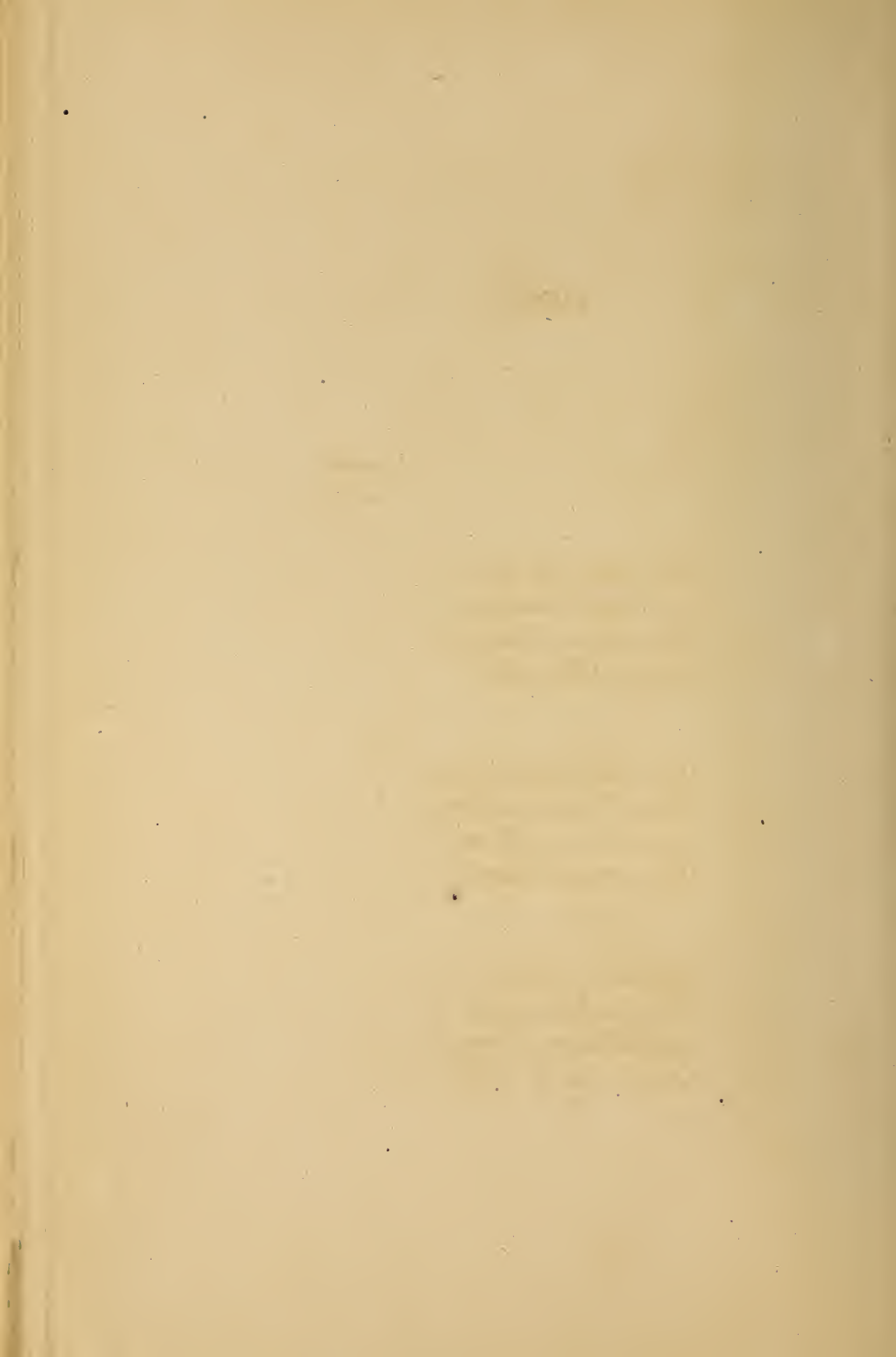
Adeus que, dando á tumba um cadaver exangue,
Seu ecco submergia em turbilhões de sangue;
E erguendo agro queixume á humana geração,
Trazia n'essa voz, saudade e... maldição!...
Adeus que, definindo o extremo desalento,
Collocava a desgraça ao lado do moimento!...
Adeus—não sei se o diga!—adeus que a intensa dôr
Soltava como escarneo ao proprio Creador!...

. . . .

Mas Tu, que do destino és o principio eterno,
Das gerações, dos céos, dos mundos e do inferno;
Tu, que na immensidade és sempre a derramar
As flôres do prodigio, e o astro a inflammar
Que ha seis mil annos vive; ó Senhor Deus! inspira
As vãs cogitações da razão que delira
Ante arcanos da vida. Oh! dize-lhe se é assim
Que o soffrimento alcança o seu anciado fim:
Se uma implacavel crença é do viver o norte;
Se ella nos dá o empyreo, ou nos conduz á morte;
Se o mal é sempre mal, se a flôr é sempre flôr;
Se a miseria, o crime, a desventura, a dôr,
Cobrindo a sociedade, é o trasbordar do Nilo.

O crime e a miseria ao contemplar vacillo;
E, como o navegante em tormentoso mar
Hesita sem saber o rumo que tomar,
Da indecisão no oceano ando perdido, e temo
De á força de hesitar, tornar-me um vil blasfemo!...

Mas, sempre mysterioso o sol brilha nos céos...
Segue o teu curso, ó verme! e... soffre...
Gloria a Deus!

Abril—1864.

AURA

—

Vivamus.

CATULLO.

Antes que o cirio finde
O seu roteiro immenso,
Vinde, halitos de incenso,
Brisas da tarde, vinde.

Oh! vinde; transportai-me
Entre os jasmins em flôr.
Genios do val, guiai-me
Onde se occulta amor!

Theocrito! Virgilio!
Tu, velho Anacreonte!
Engrinaldai-me a fronte
Co'as boninas do idyllio.

Lyras de Syracuza!
Eccos do menestrel!
Suspiros de Valchiusa!
Vinde; vinde em tropel

Inebriar-me: eu quero
Fruir d'amor os gôsos,
Embora desditosos
Fossem Leandro e Hero!

Eu quero n'um sorriso,
N'um beijo de mulher,
Ganhar o paraizo:
Eu quero amar, viver!

Exhalações umbrosas
Que subis ás collinas,
Incómmodas neblinas,
Deixai-me vêr as rosas

Que brotam no horisonte!
Do grande astro aos rubis
Dante contempla a fronte
Da divinal Beatriz!...

Das sombras o mysterio
Cansa-me... a vida é curta...
Os cyprestes e a murta
Convém ao cemiterio!...

Certo, a cada alvorada
Traz sombras o soffrer;
Mas eu entro na estrada...
Eu quero amar, viver!...

O pampano do outomno
Ostenta rubra a folha,
E cedo se desfolha
Mirrado, no abandono;

Mas opimo tributo
Pagára ao ir d'aqui:
O pampano deu fructo...
Eu inda não flori!...

Só a elle inda podéra
Eu comparar-me agora,
Nas lagrimas que chora
Ao vir a primavera.

Mas prantos aos vinte annos
Dão tregoas ao prazer...
Fugi-vos desenganos!
Eu quero amar, viver!...

Julho—1864.

O INVERNO RUSSO

(MERSTSCHERSKI)

I

Como cysne que as pennas sacode alabastrinas,
Vôa grandiosa nuvem de vario refulgir,
Flocos de branca escuma chovendo nas campinas,
Argenteas borboletas e nacar a espargir.

Por cima da floresta, que corta os horisontes,
Se eleva o sol; cahindo vão as nevoas subtis:
Parece-nos á vista, de lã sobre altos montes,
A rubra claridade de fogos pastoris.

O mundo inteiro conta sómente duas côres:
Na terra tudo é branco, d'anil tudo nos céos;
E pela neve extinctos, mau grado, seus ardores,
Scintilla o rei dos astros, ôlho do grande Deus.

II

Meu coração, oh! dize: sabes no mundo aonde,
Que exceda a d'estes plainos, existe uma alva côr?
—Sim; fero como as ondas, o coração responde:
É d'Olga a nivea fronte, seu collo encantador.

Meu coração, oh! dize: conheces por ventura
Mais anilado objecto que o puro azul dos céos?
—Sim; em sentidos eccos o coração murmura:
É no cristal mais puro dos bellos olhos seus.

Meu coração, oh! dize: já sentiste na terra
Mais congelada brisa, que esta brisa invernal?
—Sim; o coração torna:—já a voz se lhe encerra—
É d'Olga o duro peito, cruel e glacial.

Meu coração, oh! dize: sabes de viva calma,
Que do astro dos dias exceda o intenso ardor?
—Sim; o coração geme, quasi rendendo a alma:
É este sol ardente denominado amor.

REINALDO E CLORINDA

(FRAGMENTO: A CUSTODIO DUARTE)

Sopra com furia o vento, perpassando
Nas ondulosas cristas dos abetos
Com prolongado e tetrico gemido
Que gela de pavor. Espessas nuvens
Como grossas montanhas já cerraram
Os páramos da lua. Em breve a chuva
Despenhada a torrentes vai correndo
Em regatos caudaes por entre as fisgas
Do hirsuto fraguedo.
Quem a est'hora
Ousa affrontar o horror da tempestade
Junto ao feudal castello?—Eil-o que assoma
No topo de um rochedo estranho vulto,
Romanesco, sublime, mysterioso,
Phantastica visão de Shakspeare.
É o solitario bardo; ouvi-lhe os carmes:

CANTO DO BARDO

Nasci pobre; saudaram-me prantos
Nas espaldas do berço infantil...
Pobre... não! por um só de meus cantos
Não trocára thesouros aos mil.

Minha patria é o infindo universo,
Minha vida contínuo trovar;
Meu destino contemplo-o n'um verso
Que da mente me brota a escaldar.

Quando os campos celestes da aurora
Vai talando fulgente arrebol,
A alma absorta em seu extasi adora
As divinas caricias do sol.

Quando atroz tempestade rebenta,
Despedindo coriscos, tufões,
Affrontando-os, envio á tormenta
Mais sonoras, vehementes canções.

É o mundo infernal labyrintho
De tormentos e luctas sem fim:
Os tormentos e luctas que eu sinto
Vem das cordas do meu bandolim.

Sem entrar d'essas pugnas no embate,
De donzellas gentil campeador,
Eu, se, ás vezes, me envolvo em combate,
Só combato nos plainos de amor.

Ó amor, ó suavissima esp'rança
Do que esp'ranças no mundo perdeu!
És tu só que me dás a bonança,
Mesmo quando ao trovão freme o céo!

Quando a lua se esconde no espaço,
Quando o sol não projecta no val;
És tu sempre que eu sigo, e já lasso,
Sempre tu, meu radioso fanal!

Seguira-se um momento de silencio:
E logo apoz ouviu-se uma harmonia,
Um sonoroso harpejo, ethereo, vago,
Como deveram ser as meigas notas

*

Do cantico dos canticos—quaes foram
As brandas melodias que embalavam
Os sonhos de Petrarca.—
É ainda o bardo:

Mostra-me o teu rosto meigo,
Dá-me um só de teus olhares;
Ó tu, que a mente me inspiras,
Senhora de meus cantares.

Quizera vêr teu retrato
Nos olhos meus esculpido;
Todo de amores quizera
Legar-te um canto sentido.

Quizera me visses prêso
Ante esses teus olhos bellos;
Que a vida me illuminasse
O oiro de teus cabellos.

És bella como a mais bella
Deidade que á terra veio;
De nectar são teus sorrisos,
De puro jaspe o teu seio.

Formosa como as camelias,
Formosa como as boninas,
Formosa como as estrellas,
Que tu, meu astro, dominas.

Mostra-me o teu rosto meigo,
Dá-me um só de teus olhares;
Ó tu, que a mente me inspiras,
Senhora de meus cantares.

Era amainado o vento; e a grossa chuva
Cessára de cahir no solo abrupto.
Fremir se ouviram subito as correntes
Da ponte levadiça do castello;
E logo um vulto branco a atravessal-a:
Era a fórma graciosa de Clorinda,
Que do bardo acudia ao chamamento,
A procurar de amor ternos enlevos
Sob um céo recamado de saphiras.

Protegem-os do céo as lucidas estrellas;
O cristallino arroio, as florinhas singelas
Do prado; e nem turbava o magico segredo
Na sarça a viração rumorejando a medo.
Que effluvios de prazer! que amores! que poesia!

A lua inunda a terra em magica ardentia;
E tudo agora exhala encantos e fragrancia;
E tudo... Alguem cavalga um corcel a distancia...
Quem será!?... já vem perto... A luzente armadura
Sobre o corcel desenha athletica estatura,
Com o altaneiro garbo e rude magestade,
Que ostenta o campeão feroz da meia idade.
Traz longa espada e a tez sob a viseira esconde.

É o senhor feudal, o vingativo conde,
Irmão da castellã, e acerrimo inimigo
Do bardo.
—Quem sois vós? que pretendeis, amigo?
—Disse este assegurando a virgem perturbada—
Morto silencio: apoz estridula risada
O quebra.
—Ah! Ah!—pois que! vós aqui?! a est'hora?!
Aposto que a pedir inspirações á aurora!?
Enganos de poeta!... a noite é linda e clara...
Trahiu-vos o luar...—Clorinda desmaiára...
Como ebria de matança a indomita panthera
Se atira ao caçador audaz que a offendera,
Assim Reinaldo, ouvindo o temerario insulto,
Avança, ferro em punho, ante o guereiro vulto.

Trava-se a lucta, horrenda, atroz, encarniçada,
Como a de dois leões, que a prêsa conquistada
Disputam entre si.

Em cada afiado gume
Parece divisar-se a morte, e fere o lume;
Se em prol do adversario um contendor já cansa,
Breve, dobrando esforço, o que ha perdido alcança:
E os golpes são sem fim nos rigidos arnezes.

Rogeiro ergue-se altivo: uma, duas, tres vezes...
Eccôa agudo grito... e logo outro abafado...
Reinaldo fôra f'rido...
Oh raiva!...
Exasperado,
Vencendo a dôr extrema o bardo moribundo
Ao barbaro despede o golpe anciado, fundo...

Como gigante roble em meio da explanada
Vacilla e cahe por terra ao golpe da rajada,
Cahira o campeão, de purpurino sangue
Regando a verde relva.
Extenuado, exangue,
Reinaldo não resiste á dôr que horrivel cresce...
Junto á dama gentil... succumbe... desfallece.

Diaphana penumbra annunciava agora
O triste despontar de uma sinistra aurora...
Eram tintas de sangue as florinhas singelas...
Sumiram-se no céo as pallidas estrellas!...

DANTE—PARAIZO

Beatrice conserva os olhos fixos no espaço.—Dante tem os seus prêsos nos de Beatrice; n'esta contemplação sente-se transfigurado, e eleva-se com a amante ao primeiro céo.

Mostraram-se aos mortaes as varias luzes
Do pharol do universo: mas d'aquella
Parte onde ha quatro circ'los e trez cruzes.

Traz melhor curso; a mais auspicia estrella
Anda ligado: e d'este globo a cera
Mais facilmente o seu poder modella.

Era manhã nos céos; cá em baixo ainda era
Tenue crepusc'lo: alli tudo se aclara,
No outro hemispherio negra noite impera.

16

Quando, que ao lado esquerdo se voltára,
Eu divisei Beatrice o sol fitando
Como aguia já mais o assim fitára.

E qual segundo raio scintillando
Soe sahir do primeiro, e atraz se volta,
Viajor peregrino o lar buscando;

Assim ao gesto seu, na sua envolta
Minha imagem se viu; n'esse momento
O sol pude fitar co'a vista solta.

Muito se opera além do firmamento,
Que a virtude não lê de humana gente,
Dons que Deus lhe legou no ethereo assento.

Não no fixei tão pouco ou brevemente,
Que não visse que em torno refulgia,
Qual ferro que do fogo sahe candente.

Subito unir-se um dia ao outro dia
Me par'ceu vêr, direis que O que governa
Outro sol nos espaços accendia.

Os olhos prêsos sobre a esphera eterna
Beatrice estava então; attento a olhal-a
Fiquei para roubar-me a luz externa.

Tranformado me vi ao contemplal-a,
Como Glauco ficou provando a erva,
Que aos deuses do oceano em breve o iguala.

A *transhumanação* contar *per verba*
Impossivel me fôra: o exemplo baste
A quem por graça e dom divino o observa.

Se eu era só ness'hora o que creaste,
Tu o sabes, ó Amor que o empyreo reges!
Tu, que nos raios teus lá me elevaste!

REI MARTYR

(FLÔRES NO TUMULO DO SNR. D. PEDRO V)

Repoisa lá no céo eternamente.
CAMÕES.

Dois annos como sec'los, duas eternidades,
A pendula infinita no seu giro marcou;
Desde que um ataúde cercado de saudades
Esse anjo, lusa esp'rança, p'ra sempre arrebatou!

Mas um momento apenas decorreu, para a mágoa
Que este povo lançára de dôr em pleno mar;
Relampago no espaço que os olhos rasos da agoa,
Que brota o soffrimento, mal póde inda enxugar.

Que dia, ó Deus, foi esse!—N'um manto de tristeza
O universo inteiro se patenteava então;
As vestes d'esmeralda, que ostenta a natureza,
Tornavam-se amarellas alcatifando o chão.

D'espaço a espaço brama da deserta amurada
O trovão das batalhas com lugubre troar;
Lá, dos arautos bronzeos á funerea toada,
O sangue nas arterias parece regelar.

Ha um mysterio occulto que as vibrações allia
Em jubilo aos prazeres, carpindo aos funeraes;
Os dobres compassados do sino da agonia,
Não: jámais se confundem com toques festivaes.

No desalento, errante, vagava um povo inteiro,
Como entre o gelo alpino, sem norte descobrir,
Caminha, erra, vacilla, perdido aventureiro;
E pára extenuado: não póde proseguir.

Morreu!—entre soluços os corações transidos
Repercutem nos labios que tinge a pallidez:
Morreu!—era esse o ecco d'innumeros gemidos,
Que entrecortava apenas a universal mudez!

Morte! ultimo anhelo do extremo desengano!
Rainha do universo! bussola do existir!
Que a um teu aceno rendes o mendigo e o sob'rano,
As gerações, os sec'los, o passado e o porvir!

Tu, que ao seguir nos valles da terra a creatura,
Com leis inexoraveis intimaste a razão
Que entrando na existencia cavasse a sepultura;
Dize: porque das dôres lhe déste a apprehensão?...

A fronte que vergava pelo pêso da ideia,
Como sobre o sepulchro se reclina o chorão,
Passando estes desertos, escaldada da areia
Que o simoun expelle, rojára-se no chão!...

Ai! como é negra a vida, quando ás visões da gloria,
Do existir na aurora levados por amor,
Depois d'embebecidos co'as palmas da victoria,
Nos vêmos transportados ás paragens da dôr!...

Ai! como o mundo é triste para o que, paraizos
D'ineffaveis gosares na terra crendo vêr,
Despedaçado o prisma, vê prantos nos sorrisos,
E em cada fronte debil o estigma do soffrer!...

O céo roubou-lhe o anjo d'amor e de candura
Que nos parceis da vida lhe appar'cera a sorrir.
No abandono da esp'rança, cercado da amargura,
Que fazer?—de seus passos a vereda seguir!

Depois o irmão querido, que inda da adolescencia
No juvenil semblante desabrochava a flôr,
Ás plagas d'este mundo negando a sua essencia,
Subira em aureas nuvens aos mundos do Senhor!

Mas a flôr, que se esfolha no seu primeiro dia,
Deixa côr e fragrancia na folha que cahiu:
A flôr, que se esfolhava d'ess'alma que subia,
Nem sombras cá deixára.. co'a alma se partiu!...

Tormentas ha na vida que o coração mais forte,
O mais potente genio, não podem superar;
Para essas, a bonança revela-se na morte:
O sepulchro é dos martyr's o glorioso palmar!...

E o peregrino exhausto d'estes arduos caminhos,
Perdendo a primavera que um dia nos sorri,
Procurava um abrigo sob a senda d'espinhos:
Encontrára um sepulchro; foi occultar-se alli!...

Morreu! como fallece no mundo toda a esp'rança!...
Morreu! como se finam todas as illusões!...
Morreu! como se morre, quando a leda bonança
Só vêmos despontar-nos além dos turbilhões!...

Eu vi os filhos tristes da pallida poesia
Em ramos de cypreste darem-te um feudo, ó Rei!
A seus prantos ardentes, estatua muda e fria,
Não reuni meus prantos; perdôa!... eu não chorei...

Eu não chorei; que o triste que suas mágoas chora,
Do pranto ao doce influxo sente esvahir-se a dôr...
As lagrimas do afflicto são rocios da aurora:
A aurora n'esse instante negou-me o seu fulgor...

Inda hoje, contemplando teu santo monumento,
Mil duvidas me assaltam:—oh! não... não póde ser!
O astro que fulgindo cahiu do firmamento,
Perpassando na terra, não podia morrer!

Depois, correndo em sonhos á mystica sybilla,
Que d'immortaes arcanos me rasga o denso véo,
Ella aponta-me os plainos aonde o sol scintilla,
Dizendo-me em sorrisos:—os astros são do céo...

. . . .

Murchas são estas flôres,—são flôres de novembro—
Que para em tua campa lançar, hoje colhi:
Poderam ser mais novas; mas tremo se me lembro
De sonhar primaveras onde um sepulchro vi!...

Rei martyr!... entre o gelo jámais florescem lyrios...
As flôres já tardias, que hoje aqui vou depôr,
Germinaram á sombra de teus roixos martyrios...
Lá d'essa estancia, acceita-as... attende-me, Senhor!...

Novembro—1863.

A LAURA

É sonho meigo a vida, o mundo um paraizo,
Quando a aurora infantil, desabrochando, vem
Trazer-nos junto ao berço o magico sorriso,
O beijo encantador dos labios de uma mãe.

Esse eden de ventura, esse aureo sonho, ó Laura!
Rendem-te hoje o sorriso, e a aurora divinal.
Cada um dos annos teus perpassa como a aura
Que imprime airosa ruga em lago de cristal.

Flôr mimosa e subtil, plantou-te o mez das flôres
De affectos immortaes no flórido jardim;
Filha da primavera, essas rosas e amores
Abriram para ti: conserva-as sempre assim!

*

Oh! não despreses, anjo, amenos dons do Eterno,
Que o áspide do mal jámais envenenou;
E quando te alvejar o derradeiro inverno
Recorda o trovador, que o teu abril saudou!

Abril—1864.

REMEMBER...

(N'UM ALBUM)

Como cadaver, regelado, exangue,
Que ás leis do galvanismo obedecendo
Se ergue na tumba em pé;
E apoz equilibrar-se um breve instante,
Prostrado cahe no chão, revolve á tumba,
Da vida já não é;

Assim, quando meu estro, aguia já debil,
Ascendendo, ascendendo vai perder-se
No puro anil do céo;
Depois de haver pairado alguns instantes,
Da terra olhando o fundo, cahe no abysmo
D'onde seu vôo ergueu!...

E queres, virgem pura, que o prescito,
Já quasi a caminhar no desalento,
Do eterno olvido ao mar,
De crenças e illusões abandonado,
Teu livro de illusões, de amor e crenças,
Ora vá profanar?!

Oh! não posso; não devo affectos mortos
Fingir, sem n'essas phrases contrafeitas
Ao coração mentir:
Consente apenas que um favor te implore,
Favor ao qual a tua essencia etherea
Não póde resistir:

Depois que eu já cansado peregrino
Do deserto do mundo, ignobil, árido,
Houver tocado o fim;
Quando, flôres subtis, que um sopro esfolha,
Uma por uma as crenças te fugirem...
Recorda-te de mim!...

Outubro—1862.

O TEMPLO

O sol já demandava o extremo occaso
Retingindo as diaphanas planicies
De um amplo, immensuravel horisonte.

A contemplar o immenso panorama
Eu vagava ao acaso pelos campos,
N'esse ineffavel extasi absorvido,
Conjunto de delicias e tristezas
Que a noss'alma elevando aos pés do Eterno
Entre os mundos e o céo nos equilibra.

Fui assim caminhando ao longo, ao largo,
Através a campina, o val, o outeiro;
Olhava a toda a parte, e só não via
As viçosas florinhas que esmagava.

Embargaram-me os passos os despojos
De uma cruz derrubada. Estava em frente
De um mosteiro deserto, ao abandono,
Como vaso encalhado pelas vagas
Em areal longinquo, esqueleto
De priscas gerações que se finaram,
Marco implantado entre o infinito e o nada,
Entre a ideia que morre e a que floresce
Para em breve esboroar pedra por pedra,
Cedendo ao cataclysmo.
Entrei no templo.

—Um templo vasto, magestoso e rude
Como as negras basilicas da Gothia,
Onde divagam ainda eccos soturnos
Do canto-chão do musarabe culto—
Illumina-o agora o sol poente,
Reflectindo na arcada as varias côres
Da janella ogival. D'um e outro lado
Avultavam graniticos sepulchros,
Severos como a morte que os habita.
Aqui, entre tropheós, o tronco athletico
De lusitano heroe; além, mais longe,
Sarcophago marmoreo onde se abrigam
As reliquias de um rei. Volvi-me a terra;
Li a custo na lapide já gasta
—O *Hic jacet*—que as cinzas ainda aponta
De afamado chronista cisterciense.

Os altares do Christo eram desertos;
E a imagem do martyr da Judea,
Derrubada no chão, morde a poeira...

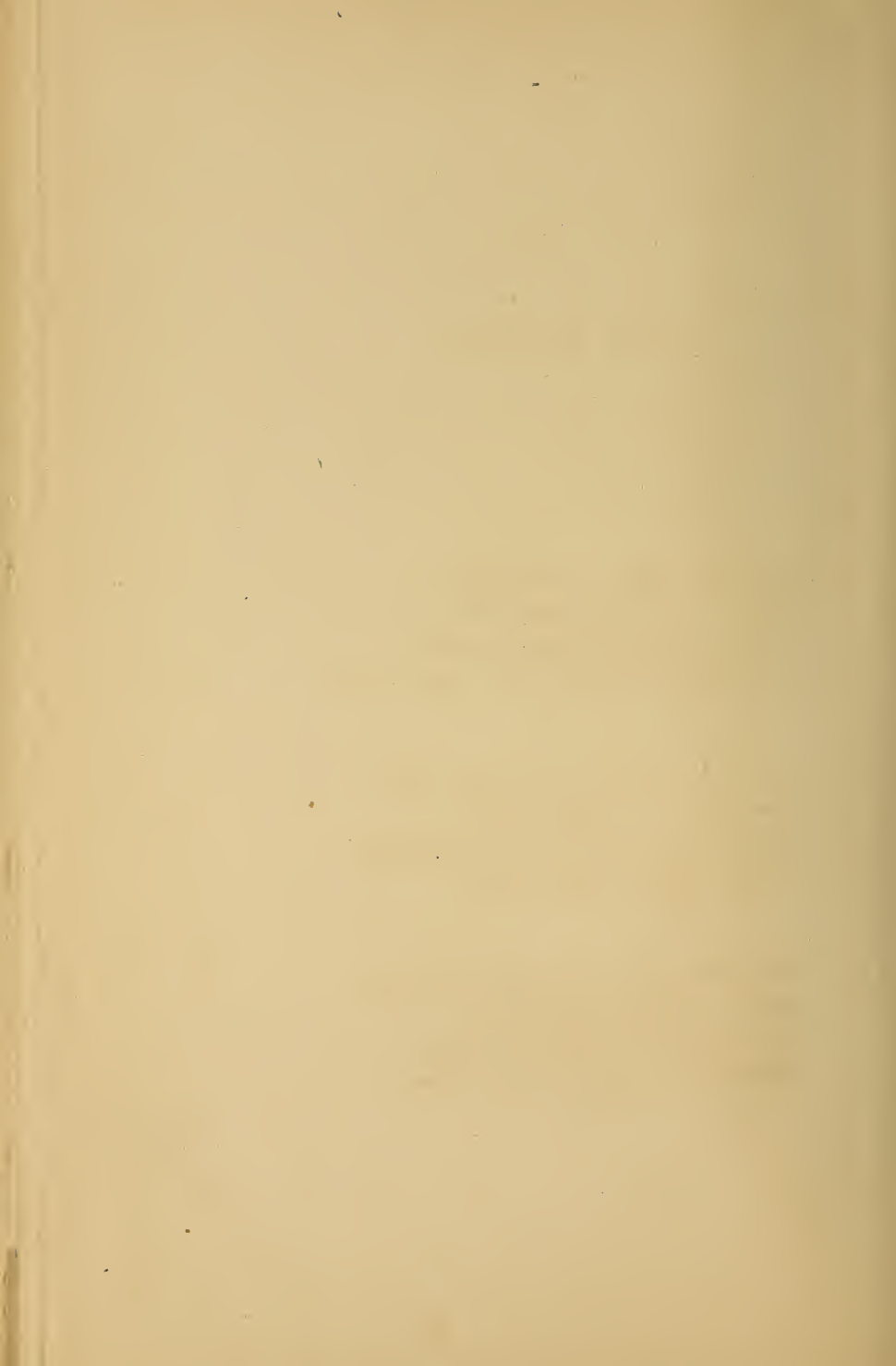
E eu fiquei longo tempo meditando...

E o astro só projecta uma penumbra
Sobre o manto phantastico das noites...

E o vento sibilava pela nave
Com os silvos terrificos do agoiro...

E vem cahindo as trevas...
D'entre os tumulos
Levantaram-se então como uns espectros
Com as sinistras côres do mysterio...

E eu proseguia sempre meditando...

Despertou-me estridente gargalhada:
Era uma imprecação...
Fugi do templo!...

PRECE DO CRENTE

Oh! vem! sublime, divinal espirito,
De viva crença e sacrosanto ardor,
Ao vate humilde perfumar os canticos
Que a esp'rança inspira, e que suggere a dôr!

E Tu, que ao mundo essa torrente vívida
Vieste outr'ora derramar de luz,
Que est'alma errante das paixões no dédalo,
Á nobre senda do dever conduz;

Tu, que mil mortes supportando impávido,
Foste no Golgotha expirar alfim;
Dos soffrimentos o amargoso calice,
Meu Deus! ensina-lhe a esgotar assim!

*

E, como ao pobre, desditoso naufrago,
Que está do pelago a luctar no horror,
Ouvis a prece e conduzis benevolo
Ao brando porto, onde se esvahe a dòr;

Ao que vagueia, emmurchecida petala
Á flôr roubada por voraz tufão,
Guia da vida nos combates horridos,
Dando-lhe as tregoas que mortaes não dão...

E, quando a morte lhe apontar um feretro
Envolto em triste, lutuoso véo,
Leva-o dos anjos á morada lucida...
Oh! dá-lhe a paz! dá-lhe a ventura... o céo!

1862.

Á POLONIA

I

Da liberdade ao revérbero,
Sahindo do escuro abysmo,
A hyena do despotismo
Uivára torva e feroz.
Lá no patibulo, o sangue
Aos rios se derramava,
E a patria lusa expirava
Sob o cutello do algoz.

Da miseria o espectro livido,
Á morte abrindo caminho,
Da viuva e do orphãosinho
Suffocava os tristes ais:
Era o throno alicerçado
De suas leis inclementes
Nos cadav'res inda quentes
De nossos finados paes!

Assim, victimas do despota,
Expiravam nossas glorias;
Profanavam-se as victorias
D'este nobre Portugal.
Assim, Polonia, cahidas
Hoje vês tuas bandeiras;
Sob as garras traiçoeiras
D'um imperio canibal!

Mas d'entre as sombras do tumulo
Das quinas que Affonso erguera,
Nova aurora, feliz era,
Para Portugal raiou;
Seus prodigios d'outra idade
Relembrando o Lusitano,
O jugo vil do tyranno,
Para sempre derrubou!

Eia Polonia! Ergue impávida
Esses teus brazões d'outr'ora:
Igual era, a mesma aurora,
Para ti surgir verás!
Quebra os ferros que te enleiam;
Volve á antiga magestade:
Ao grito de—liberdade—
O tyranno vencerás!

II

Ao longe, mui longe, nos plainos do norte,
Por entre clamores, confusos, sem fim,
Lá se ouvem distinctos, á guerra bradando,
Os silvos das balas, e os sons do clarim.

Á guerra!—na densa neblina da polvora
Entôa a metralha, rebrame o canhão.
Á guerra!—nas plagas seus eccos retumbam
Dos filhos escravos, d'escrava nação!

Nos peitos briosos da patria opprimida
Rebenta d'esforço torrente caudal;
Inundam-se valles, guarnecem-se outeiros,
A hyena já treme nas serras d'Ural!

No meio das nuvens de pó, que se elevam
Das patas nervosas dos bravos corceis,
Ao povo sublime, que o jugo derriba,
Já vejo crescerem viçosos laureis.

E lá no horisonte formoso, radiante
Das côres do prisma desponta o clarão!
Contemplam-no todos em jubilo absortos,
Os filhos já livres da heroica nação!

III

Mas é sonho ou delirio
De novel phantasia,
Que a mente me inebria
Co'as flôres da visão?...
Não!—generoso instincto
Jámais mentira exhala!
É o coração que falla:
Oh! não é sonho... não!...

IV

Eia, ávante, Polonia! Reassume
De teu sceptro o passado esplendor,
Que ora jaz sepultado, escondido
Sob o manto de vil protector!

Eia âvante! Contempla da Italia
O grandioso, fulgente arrebol!
Ergue o brado que diz—liberdade—
Liberdade é o teu dia, é o teu sol!

Liberdade! palavra sublime,
Qual jámais o universo inventou!
Implantada no sangue de Christo,
Quando, martyr, por ella expirou!

Liberdade! ai! que nobre enthusiasmo
Exp'rimento este nome ao lembrar!
Terra e mares, abysmos e espaços
Sinto agora meu estro abraçar!

Quem a patria a vêr morta, e as crenças
Immoladas no altar do descrer,
Não prefere sumir-se p'ra sempre?
Não prefere com ella morrer?!

Eia ávante! e se a sorte soffreres
Do cordeiro, que o lobo venceu,
Sejam ruinas seus tristes despojos;
O jazigo teu nobre trophéo!

Cada pedra de teus edificios
Ha de aos sec'los vindouros dizer:
—Aqui jaz a nação que ser morta
Antes quiz do que em ferros viver!—

Mas, oh! não! n'este instante, entre o fumo
Do combate, entre os mil projectis,
Lá descera o archanjo da gloria
A augurar-te porvir mais feliz.

Eia ávante! que os élos do jugo
Só da guerra o gigante os desfaz:
Eia, ávante, Polonia! eia, á guerra!
E da hyena o furor vencerás!...

Abril—1863.

NO WAGON

Sôa a hora
Da partida.
—Negra vida!—
—Filho... adeus!...
—Mãe!...—Não pude
Despedir-me!
Vi fugir-me
Terra e céos.

Silvo agudo,
Vehemente,
De repente
Se escutou;
Que no espaço
Repetido,
N'um gemido
Se finou.

*

Um frémito
Horrendo
Se ouvira
Então,
Qual rude
Farejo
De enorme
Leão.

Lá entra
Galgando
Planicies;
E logo
Das fauces
Vomita
Scentelhas
De fogo.

Cedo
Leva
Longo
Rumo.
Solta
Nuvens
D'atro
Fumo.

Serra,
Bosque,
Rude
Plaga,
Nada
Teme,
Tudo
Traga.

Se o curso
Afrouxa
Na *gare*
Visinha,
Qual bala
No espaço,
De novo
Caminha.

Um ponto
Branqueado
Divisa-se
Além...
É a grande
Cidade:...
Mui perto
Já vem...

Gare!—do alvo
Ponto á beira,
Estrangeira
Voz bradou.
Com a patria
Mãe amante,
N'esse instante
Me lembrou.

Beijo extremo
Quiz legar-lhe;
Quiz trocar-lhe
—Mãe!... adeus!—
Já não pude;
Que ao partir-me
Vi fugir-me
Terra e céos!...

Setembro—1864.

CREPUSCULOS

Quando em seu longo, magestoso transito,
O astro immenso que rival não tem,
Baixando lento nas soidões do atlantico
A rubra fronte vai sumindo além;

E de seus raios aos finaes revérberos,
Como saudoso, prolongado adeus,
Rosado manto de penumbra tenue
Envolve a terra, o oceano, os céos;

Junto das ondas, que rolando placidas
Na lisa praia espreguiçar-se vão,
Vou eu sósinho procurar delicias
Que aureos palacios e festins não dão.

Alli, absorto n'esse quadro esplendido,
Que se divisa na amplidão do ar,
Meu sêr encontra um ineffavel extasis
De devaneios em sereno mar.

Eu amo ess'hora de prazeres tacita
Mais do que a aurora e os encantos seus,
Mais do que esp'ranças que antevi sorrirem-me,
Mais do que amores que sonhei só meus.

A meiga aurora que fulgentes perolas
Verte nos prados quando nos sorri,
É pura imagem de um alvor phantastico
Que cedo em sombras tranformado vi.

São dos felizes seus sorrisos lucidos,
D'elles o dia, as illusões, o amor;
Meus esses raios que no meu crepusculo
Vem reanimar-me do viver a flôr.

Est'alma é planta que ao calor dos tropicos
Entre outras flôres se expandiu, viveu;
Levada aos ermos de paragens frigidas
A seiva toda e o vigor perdeu.

Hoje, que ainda ella veceja languida
De sóes cadentes ao subtil clarão,
Lá d'outros climas com o ardente anhelito
Sêcca e mirrhada cahiria ao chão.

Do peito arcanos mysteriosos, intimos,
Martyr's da vida, não legueis jámais;
De occultas dôres com sorrisos cynicos
Vereis o vulgo receber os ais!

Longe das turbas, que na estancia lobrega,
Como do Dante na infernal visão,
Se dilaceram, e a luctar contínuo
Em mar de sangue sepultar se vão;

Ao promontorio que vencendo os seculos
Além se eleva seu destino a vêr,
Sombras da noite, conduzi o reprobo
Que n'essas guerras campear não quer!

Alli, entregue ás vibrações eoleas,
Da immensidade na amplidão sem fim;
Ai! vinde, amigos, encerrar-me as palpebras...
Lá quando a morte se lembrar de mim!...

Seja meu voto funerario, ultimo,
Longo suspiro dos suspiros meus,
Que remontando-se á celeste abobada,
Vá pelo espaço murmurando—Deus!

1861.

A FRECHA E A TROVA

(LONGFELLOW)

Mandei aos ares aguda frecha,
Não sei na terra onde cahiu;
Voou tão breve, que a minha vista
Seu veloz curso já não seguiu.

Canora trova soltei aos ventos,
Não sei na terra onde foi dar;
Onde ha ahi olhos tão penetrantes,
Que o canto sigam que sóbe ao ar?

Tarde, mui tarde, na carvalheira
A frecha, inteira, achei então;
A trova errante jazia intacta
De um terno amigo no coração.

*

MELANCHOLIA

(A J. DIAS DE OLIVEIRA)

Tædet animam meam vitæ meæ, dimittam adversum me eloquium meum, loquar in amaritudine animæ meæ.

JOB.

I

Quando lerei no livro da existencia
Uma verdade pura,
Que não rasgue o sendal que me occultava
A negra sepultura?!

Quando virá rompendo as sombras densas
Manhã serena e linda,
Que não diga ao mostrar-me o astro de oiro
—Toda a alvorada finda?!

Quando verei poisar almo sorriso
Em labios d'innocente,
Que não venha dizer-me o desengano,
Que esse sorriso mente?!

Que esse sorriso é o genio imperscrutavel,
Inergico, profundo,
Que impelle o homem a illudir sua alma,
Desde que entrou no mundo?!

Quando lerei no livro da existencia
Uma verdade pura,
Que não rasgue o sendal que me occultava
A negra sepultura?!

II

Corta alegre a ceifeira ondas de trigo,
Aurea, fecunda messe.
Ide apoz á campina: o solo é árido,
Nem uma espiga cresce!

Correi aos bosques, do florido maio
Vecejantes guaridas;
Notai: entre a folhagem d'esmeralda
Ha folhas resequidas.

Vêdes além, da praia entre o fraguedo,
O pharol luminoso?
Que vos diz essa luz doirando as ondas?...
Que o mar é tormentoso!...

III

O sol é nado; espalha sobre a terra
Suas comas divinas;
O lyrio abre a corola, a rosa adora-o,
Sorriram-se as boninas!

E o astro sóbe as veigas inundando
Na rutila torrente:
As florinhas do campo já desmaiam
Ao seu olhar ardente!...

E eu contemplei do astro que passava
Os magicos fulgores...
Depois voltei-me aos campos d'esmeralda:
Ai! já não vi as flôres...

As petalas dos lyrios, das boninas,
Das rosas nacaradas,
Eram todas dispersas pelo solo...
Murchas, sêccas, mirrhadas!...

E a campina era toda despovoada;
Pallida a verde relva,
Como cadaver que o assassino deixa
Nas solidões da selva!...

IV

E todavia a terra inda se enfeita
De longas primaveras;
Inda nos céos resplende azul espelho,
E doiradas espheras.

Inda vogam pelo ar beijos das auras,
Mil aromas suaves,
E uns sons perdidos que se casam flebeis
Aos gorgeios das aves.

O rouxinol inda depõe seu ninho
Nos braços da floresta;
Inda se adorna a acacia como noiva
No seu dia de festa.

E eu, contemplando a quadro immensuravel
De tantos esplendores,
Exoro alegre canto ás tenras aves,
Ao rio, á brisa, ás flôres.

E os candidos jasmins e a madre silva
Ao vêrem-me fallecem;
Os ledos rouxinoes—harpas aladas—
Dos campos desparecem...

Mas, se d'entre as florinhas se levanta
Algum goivo sombrio,
Ao vêl-o, sinto n'alma despertar-se
Um vago murmurío.

Se d'entre a aerea orchestra das campinas
Alguma rôla geme,
Então meu peito oppresso solta um canto
Que pelo espaço freme;

E d'esse canto que meu labio expelle
As notas magoadas,
Eccoam como os ventos de dezembro
Em torno das quebradas!...

V

Minha alegria é chamma que se ateia
Sobre doirada pira...
Apoz arder um pouco, envia aos ares
Fogo azulado, e... expira!

Eu já não sei cantar as primaveras
De côres revestidas,
O prado, o rio, a noite, o dia, os astros,
E as minhas flôres qu'ridas!

Eu já não posso ouvir do bosque umbroso
As maviosas phrases;
Já não sei vêr ondinas e altas serras
Entre fluctuantes gazes!

Sempre a imagem fallece ao que vagueia
Entre amarguras sevas;
Jámais póde fitar um claro dia
Quem vive sempre em trevas!

VI

Meu Deus! e eu inda creio n'esse raio
De amor que me conduz;
Meu corpo inda se prostra na poeira
Ante uma negra cruz!

Eu não mereço andar n'este desterro
Sempre longe do bem;
Eu creio no soffrer, no amor dos homens,
Eu creio em minha mãe!

*

VII

Mas o roteiro é longo... a estrada rude...
A noite nos aterra...
E os astros tem vulcões... o mundo abysmos...
Traze-me olvido, ó terra!...

VIII

Amigo, ao reflectir-se no teu peito
Meu funebre lamento,
Não divulgues, por Deus! a dôr que est'alma
Devora a fogo lento!...

Acolhe-o tu, que sabes que ás tormentas
Poeta não resiste...
Acolhe-o tu, que és martyr d'esse culto...
Acolhe-o tu, que és triste!...

O vulgo não comprehende occultas mágoas,
Que tacha de egoismo,
Porque o vulgo não sabe os diamantes
Que arremessa ao abysmo.

Não sabe que entre as pompas do universo
Andar contrariados,
É vêrmos ante nós a fresca fonte,
E morrer abrazados.

Ignora que ha na terra frontes puras
Como o clarão da lua,
Que o ruim destino arrasta como ao Christo
Pelo lodo da rua.

E se algum d'esses raios do Increado
Se extingue pouco a pouco,
Apaga-o, murmurando distrahido:
—Era um poeta... um louco!...

. . . .

Ao reflectir-se, amigo, no teu peito
Meu funebre lamento,
Não divulgues, por Deus! a dôr que est'alma
Devora a fogo lento!...

ANCEIO

Ah! se os meus cantos despertassem eccos
N'um peito juvenil...
Se d'esse peito eu visse resurgirem
Minhas ficções d'abril...

Se eu visse sobre as folhas de meu livro
Encantadores olhos...
E uma lagrima apoz, perdida opala
Em rude chão de abrolhos...

Se á luz celestial e ao puro rócio
Dos olhos seductores,
Os espinhos d'est'alma se trocassem
Em perfumadas flôres...

Ah! se os meus cantos despertassem eccos
N'um peito juvenil...
Se d'esse peito eu visse resurgirem
Minhas ficções d'abril...

AINDA NAS TREVAS

Levatemi dal viso i duri veli!
DANTE.

E eu sempre a divagar na negra esphera
Onde o verme se arrasta moribundo...
Senhor! é luz ou sombra que me espera?

E em seu roteiro eterno avança o mundo
Co'a rapidez da lava incandecente,
Que da cratera corre ao val profundo...

Interrogo a planicie, o mar fremente,
Os eccos da floresta... Pobre louco!
Não póde responder-te o que não sente...

E já de interrogar me sinto rouco...
E os annos vão correndo em sombra immersos...
Que horrivel anciedade!—Espera um pouco...

. . . .

Se é sombra ou luz vós o direis meus versos!

INDICE